



Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Ciências Humanas - IH
Departamento de Serviço Social - SER
Curso de Graduação em Serviço Social

**A CIDADANIA POR MEIO DA DANÇA:
UM ESTUDO DOS BAILES PARA IDOSOS E SUA RELAÇÃO COM A
COMUNIDADE**

Rafaela de França Ramalho

BRASÍLIA/DF

2013



Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Ciências Humanas - IH
Departamento de Serviço Social - SER
Curso de Graduação em Serviço Social

RAFAELA DE FRANÇA RAMALHO

**A CIDADANIA POR MEIO DA DANÇA:
UM ESTUDO DOS BAILES PARA IDOSOS E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade de Brasília, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Serviço Social, sob orientação
da Prof.^a Dr.^a Karen Santana de Almeida
Vieira

BRASÍLIA/DF, 2013

Monografia submetida ao corpo docente do departamento de Serviço Social (SER) da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Karen Santana de Almeida Vieira (SER/UnB)

(Orientadora)

Prof.^o Dr.^o Cristiano Guedes de Souza

(Membro do SER/UnB)

Assistente Social Ms. Jurilza Maria Barros de Mendonça

(Membro externo ao SER/UnB)

Brasília, 2013

E isso não é coisa de outro mundo: é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira e pura... enquanto durar.

Cora Coralina

Dedico

Às minhas duas avós, Enedina e Maria Vitória, as duas idosas que mais amei na vida. À minha avó Enedina, por ser exemplo de força e vitalidade. Obrigada por estar sempre presente, e por fazer meus dias mais felizes com sua alegria e simplicidade; E à minha avó Vitória, por ser a pessoa mais bondosa e forte que já conheci, por trazer mais luz aos poucos, mas lindos anos que passamos juntas, e por me ensinar que ainda é possível acreditar no outro.

AGRADECIMENTOS

Depois desses 4 anos e alguns meses de vida acadêmica, é um momento extremamente doce e agradável esse de agradecer a todas as pessoas amadas e queridas que estiveram ao meu lado. Então vamos lá.

Agradeço à minha linda família, meus pais Elisete e Ramalho, e à minha irmã Isabela, porque estiveram comigo desde os primeiros momentos de pulos e lágrimas de felicidade e alívio, e se mantiveram fiéis em seu papel de apoiar e incentivar ao longo do tempo, mesmo com toda a minha loucura. Amo vocês!

Agradeço ao meu avô Chico, por sua presença tímida e meio carrancuda, que mesmo no silêncio aquece e importa. E aos meus tios e tias, por acreditarem e torcerem por mim a cada nova etapa da minha vida. Vocês não sabem o quanto tê-los por perto nos momentos alegres e nas decepções é importante pra mim. Obrigada por tudo;

Aos meus primos e primas, por tudo o que já vivemos juntos. Pelas noites e fins de semana compartilhados na casa da vó, (PELO CORAL!) e por termos continuado, do nosso jeito torto e tumultuado, de mãos dadas, como prometemos há quase 4 anos atrás;

À Hellen, que com seu jeito louco e irreverente me ajudou a crescer e amadurecer. Obrigada por guardar meus segredos e por segurar a barra em vários momentos. Me divirto muito com você, e espero que isso não mude nunca;

À Agnes, por me incentivar e ser companheira e confidente das dificuldades de se crescer num ambiente tão diverso e bonito quanto a UnB. E, é claro, por ter sido a porta voz de notícias tão boas há quatro anos;

Aos meus padrinhos, Ivonei e Paulinho, por toda a fé depositada em mim e, em especial, à minha madrinha, por me incentivar a vivenciar a experiência universitária muito além das salas de aula;

Às amigas Andressa Dorneles, Rayane Alencar, Lídia Isabel e Jéssica Aguiar, com quem compartilhei momentos de muita cumplicidade e sabedoria, e por quem tenho imenso carinho mesmo que nossos caminhos tenham tomado rumos diferentes;

Aos queridos Ana Gabriele, Douglas Almeida, Guilherme Perón e Wellington Rezende por estarem comigo durante tanto tempo e por compartilhar a entrada no mundo acadêmico com toda a ansiedade e empolgação que a fase proporcionava;

E em especial à Fernanda Cristina e Tiago Martins (pela amizade dentro e fora das salas de aula); e às gêmeas Alana e Amanda, queridas amigas do Ensino Médio. Obrigada por me acompanharem há tanto tempo;

A Daniela Ovídio e Elisa Hoffman, pela companhia e troca de experiências;

Aos demais colegas do curso de Serviço Social da turma do 1º semestre de 2009. Foi ótimo ser tão bem acolhida num ambiente desconhecido e conviver com pessoas tão especiais;

Aos colegas e amigos de trabalho, em especial ao Deivisson, à Meire, à Rosania, ao Eduardo, ao Carlos e ao José, por torcerem por mim nessa reta final, e segurarem a barra nos momentos de cansaço. Obrigada pelos momentos alegres e pela compreensão;

À professora Rosa Helena Stein, por ter sido a primeira assistente social a me mostrar as belezas da profissão por meio de sua doçura, paciência e sabedoria;

À minha querida orientadora Dra Karen Santana de Almeida Vieira, pelo entusiasmo compartilhado ao longo do caminho e pela doçura e comprometimento com que me orientou;

Agradeço à assistente social Jurilza Mendonça e ao professor Cristiano Guedes, por aceitarem tão gentilmente participar da banca examinadora deste trabalho e por suas contribuições que ajudaram a valorizá-lo;

À Jéssica Marília, sempre tão gentil, forte e companheira. Obrigada por ser minha primeira amiga nas tardes ensolaradas nas gramas da universidade. E que esse laço, formado nas longas horas de conversas nos ônibus, se fortaleça e dure cada vez mais.

Aos meus amigos Daniéle Moreira e Ricardo Guimarães, ou simplesmente Dani e Rico. Por fazerem os dias vividos dentro e fora da Universidade muito mais coloridos, e por me mostrarem que a amizade verdadeira existe sim, e que às vezes, se você der muita sorte, pode aprender mais sobre amizade, amor, diversão, compreensão e cumplicidade em quatro anos do que em uma vida inteira. E, é claro, por sermos um ao sermos três (sempre).

Agradeço à comunidade e aos idosos da Associação dos Idosos de Ceilândia e Taguatinga por contribuírem nesta pesquisa com seus olhares e suas vivências, sempre enriquecendo e despertando novas percepções a cerca do envelhecimento e suas repercussões sociais.

E a todos os outros que direta ou indiretamente estiveram comigo nesses nem sempre fáceis caminhos, vividos com muito otimismo e esperança graças à chance de ter com quem compartilhá-los. A vocês, o meu muito obrigada.

RESUMO

O envelhecimento populacional é uma tendência que vem sendo evidenciada em todo o mundo. Suas implicações repercutem sobre toda a sociedade, e requerem do Estado ações que redefinam a concepção estigmatizada sobre a velhice, e que possibilitem o desenvolvimento de políticas capazes de atender às demandas e de promover bem estar e qualidade de vida a este grupo social. Neste sentido, ações que visem proporcionar a socialização da pessoa idosa dentro da comunidade, desenvolvidas pelas instituições públicas e privadas, a exemplo, os bailes de terceira idade, são de extrema importância. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar se os bailes de terceira idade, enquanto espaços em que ocorrem atividades de lazer por meio da dança, proporcionam socialização dos idosos com a comunidade, além de compreender qual a percepção de velhice para estes. Foram entrevistadas 24 pessoas, através de entrevista com roteiro semi-estruturado, entre idosos e comunidade, nos bailes de terceira idade realizados nas Associações dos Idosos de Ceilândia e Taguatinga (DF), locais onde também ocorreram observações de campo, no período de abril de 2012 a janeiro de 2013. Os resultados demonstram que os bailes de terceira idade proporcionam e promovem a convivência dos idosos entre eles e com sua comunidade por meio da dança, e que o fato de serem espaços preparados para os idosos, mas com abertura à interação entre as diferentes gerações, funciona como instrumento que facilita a socialização do idoso com sua comunidade, e repercute positivamente na compreensão do que vem a ser o processo do envelhecimento. Para aumentar e dar destaque a essas e outras ações que promovem a socialização do idoso com sua comunidade, propõem-se, para além dos resultados da pesquisa, que sejam abertos mais bailes de terceira idade nas comunidades e realizado um trabalho de sensibilização na sociedade sobre esses espaços, além de um mapeamento dos bailes de terceira idade para divulgação para a população, e outros apontamentos.

Palavras-chave: envelhecimento; idosos; bailes de terceira idade; socialização; comunidade

LISTA DE TABELAS

- TABELA 01 – Relação de idosos e comunidade entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 (p. 43)
- TABELA 02 – Relação de idosos e comunidade entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por sexo (p. 44)
- TABELA 03 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por idade (p.44)
- TABELA 04 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por idade (p. 44)
- TABELA 05 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por raça (p. 45)
- TABELA 06 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por raça (p. 45)
- TABELA 07 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por escolaridade (p. 46)
- TABELA 08 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por escolaridade (p. 46)
- TABELA 09 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por renda (p. 46)
- TABELA 10 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por renda (p. 47)
- TABELA 11 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por cidade em que reside (p.47)
- TABELA 12 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por cidade em que reside (p. 48)
- TABELA 13 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por estado civil (p. 48)
- TABELA 14 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por estado civil (p. 48)
- TABELA 15 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por tempo de frequência aos bailes de terceira idade em anos (p.49)

TABELA 16 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por tempo de frequência aos bailes de terceira idade em anos (p.49)

TABELA 17 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por bailes de terceira idade que frequenta (p.50)

TABELA 18 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por bailes de terceira idade que frequenta (p.50)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Art. – Artigo

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

DF – Distrito Federal

PNI – Política Nacional do Idoso

OMS – Organização Mundial da Saúde

PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social

SEJUS – Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania

RA – Região Administrativa

PNAD – Pesquisa Nacional de Amostras por Domicilio

CEI – Campanha de Erradicação de Invasões

AIC – Associação dos Idosos de Ceilândia

AIT – Associação dos Idosos de Taguatinga

SESC – Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

| | |
|--|-------|
| INTRODUÇÃO | p. 14 |
| METODOLOGIA | p. 18 |
| CAPÍTULO 1 – Envelhecimento Populacional: Definições e entendimentos sobre o envelhecimento no Brasil, no Distrito Federal e nas cidades de Ceilândia e Taguatinga/DF | p. 22 |
| 1.1 Os diferentes entendimentos sobre o envelhecimento | p. 22 |
| 1.2 A população idosa no Brasil | p. 27 |
| 1.3 Os idosos do Distrito Federal | p. 28 |
| 1.4 A situação da população idosa nas cidades dos bailes para a terceira idade estudados: Ceilândia e Taguatinga | p. 30 |
| CAPÍTULO 2 - Alguns apontamentos teóricos e a caracterização dos bailes como espaços de dança e sociabilidade dos idosos e da comunidade | p. 32 |
| 2.1 – Os Bailes frequentados por idosos e pela comunidade: seus tipos e regras | p. 32 |
| 2.1.1 Baile | p. 33 |
| 2.1.2 Baile-ficha | p. 33 |
| 2.1.3 Baile de contrato | p. 34 |
| 2.1.4 Bailes de ritmo específico | p. 35 |
| 2.1.5 Baile de terceira idade | p. 36 |
| 2.1.6 Organização dos Bailes | p. 37 |
| 2.2 Os espaços da dança: os bailes das Associações dos idosos de Ceilândia/DF e Taguatinga/DF | p. 37 |
| 2.2.1 Associação dos Idosos de Ceilândia (AIC) | p. 37 |
| 2.2.2 Associação dos Idosos de Taguatinga (AIT) | p. 39 |

CAPÍTULO 3 – Os bailes de terceira idade: a percepção sobre a velhice, os espaços de bailes e sua relação com a comunidade a partir dos idosos e da comunidade

..... p. 43

3.1 Perfil dos entrevistados p. 43

3.2 Idosos p. 51

3.2.1 Percepção da velhice para os idosos p. 51

3.2.2 Percepção dos Idosos sobre os espaços de baile p. 57

3.2.3 Percepção dos idosos sobre os espaços dos bailes e sua relação com a comunidade
..... p. 61

3.3 Comunidade p. 64

3.3.1 Percepção da velhice para a comunidade..... p. 64

3.3.2 Percepção da comunidade acerca dos espaços de baile p. 66

3.3.3 Percepção da comunidade sobre os espaços dos bailes e sua função de proporcionar
socialização p. 68

3.4 Balanço da análise da relação idosos e comunidades nos bailes de terceira idade e outros
apontamentos p. 69

CONSIDERAÇÕES FINAIS p. 71

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS p. 73

APÊNDICES p. 76

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os idosos dos espaços de convivência e socialização para idosos

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com a comunidade que frequenta os espaços de convivência e socialização para idosos

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional tem sido uma das principais características da sociedade moderna, uma realidade encontrada tanto nos países ditos desenvolvidos, quanto nos países em desenvolvimento, e que tem sido atribuído a grandes mudanças nos aspectos sociodemográficos desses países, geradas pela diminuição da taxa de fecundidade e mortalidade, e o gradativo aumento da expectativa de vida de homens e mulheres, fatores que tem profundas implicações nas estruturas sociais, culturais, políticas, econômicas e históricas.

Estudos¹ vêm demonstrando que este fenômeno do envelhecimento da população não se deu de forma homogênea no cenário mundial. Enquanto nos países desenvolvidos o processo de envelhecimento teve como característica ter sido um processo lento e gradual, acompanhado de suporte e apoio para as demandas que este fenômeno colocava ao Estado; nos países em desenvolvimento este processo teve como característica ter ocorrido de forma acelerada nas últimas décadas, sem, no entanto, ter qualquer resguardo por parte do Estado no desenvolvimento, na ampliação e na garantia de políticas públicas e sociais que permitissem a população envelhecida ter seus direitos garantidos diante das novas demandas sociais.

O Brasil, classificado no grupo dos países em desenvolvimento, era até recentemente considerado como um país cuja maior parte da população era formada por jovens. A partir da década 60, as estatísticas da população começam a externar uma mudança no padrão etário brasileiro, pois se hoje a população adulta e ativa representa a maior parte da população, em algumas décadas é o aumento da população idosa que poderá refletir na configuração da população, pois segundo dados do CENSO realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, as projeções são de que em quatro décadas a população idosa no Brasil praticamente se igualará a população jovem e adulta, demonstrando um crescimento acentuado.

Sabe-se que a população brasileira alcançou em 2010 a maior taxa de expectativa de vida, estabelecida em 73 anos (IBGE, 2010). Esse aumento, aliado a diminuição nas taxas de fecundidade e mortalidade, são determinantes para compreender o aumento da população idosa no Brasil. São resultado de uma alta taxa de urbanização, de mudanças nas estruturas familiares, advindas da entrada das mulheres no processo produtivo (VERAS, 2003), e também dos avanços nas áreas de tecnologia, educação, medicina, habitação, na área social e

¹ Ver Veras (2003) e Neri *et al* (2003)

econômica, como também nas Políticas Públicas², o que repercute proporcionando à população melhor Qualidade de Vida³, em especial à pessoa idosa.

O envelhecimento populacional já se configura, e em algumas décadas terá evidenciado seu papel como uma expressão da Questão Social⁴, não só no Brasil, mas em muitos países da América Latina e do mundo que já convivem com os desafios de conciliar as exigências de um modelo de produção capitalista com as demandas sociais dessa transição demográfica, como garantir os direitos sociais básicos a este grupo da população.

Este fenômeno requer por parte dos governos o desenvolvimento de Políticas sociais e Públicas que se voltem a este grupo da população, pois é necessário compreender melhor o processo de envelhecimento para construir possibilidades frente aos desafios sociais, econômicos, e histórico-culturais que surgem constantemente. Desafios estes, que certamente refletem nas condições de vida da população como um todo, não apenas a que é considerada por meio da legislação como idosa (com idade igual ou superior a 60 anos de idade), conforme a Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842 de 1994, e o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 2003.

Segundo Loureiro (2000) tem sido feito um grande esforço, por parte de pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais, para compreender o processo de envelhecimento humano e também para estudar não só os aspectos biológicos e físicos do envelhecer, mas para compreender todos os reflexos que geram na rotina, na vida em sociedade, enfim, nas relações sociais.

Segundo o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, art. 1º, todo idoso tem direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Garantir, manter e expandir esses direitos é um dever concomitante à família, à comunidade, à sociedade e ao Poder Público.

Assim, além de pensar em Políticas Sociais de Saúde, Assistência Social e Previdência

² A Política Pública, para ser caracterizada assim, deve possuir as seguintes características, segundo Pereira (2001): amparo legal; concretização dos direitos adquiridos na sociedade; atendimento e satisfação das necessidades sociais; caráter público.

³ A Qualidade de Vida foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “A percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (FLECK *et al*, 2000)

⁴ Questão Social é definida por Yamamoto e Carvalho (2009, p. 77) como “a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção além da caridade e repressão”.

Social, que têm sido historicamente dirigidas com maior ênfase a este segmento populacional, é preciso atentar-se a outros direitos que tem recebido menos investimento do Estado para sua garantia, manutenção e expansão no que tange o alcance da população idosa: o direito à cultura; ao lazer; e à convivência comunitária.

Dessa forma, a convivência comunitária, compreendida aqui como uma forma de participação, ocupação e convívio do idoso com outras gerações (Estatuto do Idoso, 2003), é fundamental na construção de valores sociais que contribuam no combate à discriminação e ao preconceito contra a pessoa idosa, estimulando a reflexão sobre o estigma⁵ do envelhecimento na sociedade moderna.

Para compreender o papel da convivência comunitária, do acesso ao lazer e à cultura para a população idosa, é necessário pensar como, e se, o Estado vem tentando garantir estas questões por meio de práticas concretas, seja por meio da criação de espaços de convivência e socialização do idoso nas comunidades ou de outras ações.

Neste sentido, a **problemática** desta pesquisa se refere à tentativa de compreender a questão da socialização do idoso na comunidade⁶, percebendo se a interação entre diferentes gerações nos espaços dos bailes para idosos contribui ou não para diminuir o estigma sobre a velhice em suas comunidades; essa análise será feita a partir da percepção de como são estruturados esses espaços, como são percebidos pelos idosos e pela comunidade; e da análise da concepção de envelhecimento para os idosos que frequentam esses espaços e para a comunidade que ali interage.

Sendo assim, parte-se da seguinte **pergunta** de pesquisa:

- Como os espaços destinados à convivência e a socialização dos idosos, denominados bailes, asseguram ou proporcionam a socialização dos idosos na comunidade?

Na tentativa de responder ao questionamento da pesquisa, tem-se as seguintes **hipóteses** de pesquisa, que são de cunho norteador:

⁵ O estigma é aqui compreendido como o conjunto de características que repercutem socialmente sobre um determinado fenômeno, no caso deste trabalho, sobre a velhice, caracterizando-o de maneira negativa e preconceituosa, gerando discriminação sobre a população idosa e sobre a forma como é visto o envelhecimento pela sociedade.

⁶ Para efeito desta pesquisa, optou-se por denominar “comunidade” o grupo de pessoas com idades entre 18 e 59 anos que frequentam os bailes para idosos.

1. Os bailes para idosos foram criados para proporcionar e promover a convivência dos idosos que precisam de espaços específicos para sua socialização dentro da comunidade;
2. Os bailes, espaços destinados à convivência e a socialização dos idosos, podem ser entendidos como espaços que segregam os idosos dentro de sua comunidade, refletindo na integração e na visão da sociedade sobre o envelhecimento de forma negativa.

Dessa forma, o **objetivo geral** desta pesquisa é analisar se os bailes para idosos proporcionam socialização dos idosos com a comunidade.

Os **objetivos específicos**, desenvolvidos a partir deste objetivo geral são:

- 1º - Analisar qual a percepção dos idosos sobre os bailes e sua função de proporcionar socialização na comunidade;
- 2º - Compreender qual a percepção da comunidade em geral (jovens e adultos) sobre os bailes para idosos e sua função de proporcionar socialização na comunidade;

Destarte, este estudo será composto por três capítulos, a saber:

No primeiro capítulo, intitulado “Envelhecimento populacional: Definições e entendimentos sobre o envelhecimento no Brasil, no Distrito Federal e nas cidades de Ceilândia e Taguatinga/DF”, são discutidos os conceitos de envelhecimento e velhice, e são feitos apontamentos acerca da situação do envelhecimento populacional e suas implicações no Distrito Federal, e nas cidades de Ceilândia e Taguatinga.

No segundo capítulo, intitulado “Alguns apontamentos teóricos e a caracterização dos bailes como espaços de dança e sociabilidade dos idosos e da comunidade” traz algumas definições de tipos de bailes, além de caracterizar os bailes de terceira idade das Associações dos Idosos de Ceilândia e Taguatinga.

O terceiro capítulo, chamado “Os bailes de terceira idade: a percepção sobre a velhice, os espaços de bailes e sua relação com a comunidade”, retrata o perfil dos idosos e da comunidade que foram entrevistados, e apresenta a discussão sobre os diferentes olhares e percepções sobre a velhice, os bailes e a sua relação com a comunidade.

Por fim, as considerações finais resgatam as principais discussões realizadas ao longo do trabalho e trazem apontamentos sobre a socialização nos bailes de terceira idade entre idosos e a comunidade.

METODOLOGIA

Dentre as abordagens metodológicas utilizadas dentro das Ciências Sociais e Humanas, para explicar e/ou aprofundar os conhecimentos sobre determinado fenômeno, certamente os métodos quantitativos, qualitativos e mistos têm sido utilizados na pesquisa social para ampliar a compreensão acerca da realidade social.

Os métodos quantitativos são aqueles que permitem, por meio da quantificação de dados, uma análise que se utiliza de métodos estatísticos sobre determinado fenômeno, e que pode permitir generalização por causa da seleção de amostra na análise dos dados e reprodução da experiência. Alguns exemplos de técnicas quantitativas são: levantamento; experiências; questionários. (RICHARDSON, 2009)

Os métodos qualitativos são aqueles responsáveis por uma visão mais interpretativa dos fenômenos estudados. Segundo Creswell (2010) esse método utiliza-se da atribuição de significados, de percepções, e valores atribuídos a um fenômeno pelas pessoas que o vivenciam ou o representam, o que permite maior aprofundamento, mas dificulta a generalização dos dados obtidos pela pesquisa. São exemplos de estratégias utilizadas na pesquisa qualitativa: entrevista; observação; história de vida; estudos etnográficos.

A importância na escolha das técnicas e metodologias a serem utilizadas, está relacionada à atribuição de um rigor científico à pesquisa, que vai utilizar-se de diferentes processos para explorar um determinado problema, seguindo desde o momento de sua delimitação, até a tentativa de compreensão, de reflexão e uma possível solução para este. (RICHARDSON, 2009)

Assim, a escolha da metodologia a ser utilizada para elucidar todos os passos a serem desenvolvidos durante a pesquisa, está diretamente relacionada ao seu objetivo.

Neste caso, esta pesquisa possui cunho exploratório, e tem o objetivo de analisar se as atividades desenvolvidas nos bailes destinados aos idosos, proporcionam socialização dos idosos com a comunidade, além de compreender a percepção de velhice para os idosos e a comunidade. Destarte, o cunho exploratório justifica-se por se tratar de um recorte de estudo pouco estudado dentro do Serviço Social, e sobre o qual ainda há uma grande gama de problemas de pesquisa a serem explorados.

Deste modo, a abordagem metodológica a ser utilizada neste projeto será balizada pelo método de pesquisa qualitativa, por se tratar de uma abordagem que metodológica e tecnicamente responde, dentro do campo das Ciências Sociais, a um universo de pesquisa que

explora a subjetividade das pessoas em suas relações sociais e das próprias realidades sociais, como ressalta Minayo (2010).

Esse método permite uma análise cuja concepção está amparada na participação, na narração, e nas diferentes técnicas de pesquisa qualitativas, como etnografia, estudo de caso, entrevistas, etc.

A pesquisa foi, portanto, estruturada por meio das seguintes etapas: revisão bibliográfica, realizada com a finalidade de compreender as literaturas já existentes sobre a temática; análise documental, de modo a abranger as legislações que permeiam os direitos dos idosos; observações de campo; e entrevistas, de modo a captar aspectos subjetivos e sociais do universo dos entrevistados.

A primeira etapa consistiu na revisão bibliográfica e análise documental, que possibilitaram uma aproximação com as discussões, teorias, categorias e definições sobre o envelhecimento e os idosos à luz de documentos oficiais.

A segunda etapa consistiu em observações de campo não participantes, haja vista a não inclusão da pesquisadora nas atividades realizadas nos para idosos enquanto participante, a fim de conseguir captar o maior número de detalhes, aprofundando a observação sobre o objeto de pesquisa, mas procurando estabelecer um contato amistoso com os grupos observados.

Na terceira etapa foram realizadas entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, que tem como base algumas perguntas que nortearam toda a entrevista de modo a manter o foco sobre o objetivo da pesquisa, mas permitindo abranger diversos aspectos que surgiram durante a entrevista. Essas entrevistas tiveram sua adequação e eficácia verificada em um pré-teste.

Essa técnica de entrevista com roteiro semiestruturado foi inicialmente escolhida devido ao formato da pergunta de pesquisa, onde pretende-se ter uma ideia de aspectos subjetivos da percepção dos idosos e da comunidade sobre a realidade estudada, no caso, os bailes destinados aos idosos, e se esses representam ou não socialização dos idosos com a comunidade. A técnica de entrevista permitiu o acesso a narrativa das pessoas e assim, permitiu ser possível entender a realidade dos entrevistados e o fenômeno estudado.

1. DEFINIÇÃO DE LOCAL PARA COLETA DE DADOS

Partindo de algumas características definidas no projeto desta monografia⁷, foram selecionados os seguintes espaços de socialização e convivência para os idosos, onde ocorreram as observações e as entrevistas: Associação dos Idosos da Ceilândia, localizada na Ceilândia Sul; Associação dos Idosos de Taguatinga, localizada em Taguatinga Norte.

O tempo e o recurso limitados dificultaram a ampliação da pesquisa a mais de dois, por isso, os locais onde foram feitas as entrevistas e as observações de campo não participantes, foram também selecionados a partir do levantamento de todas as instituições com perfil de espaços de socialização e convivência voltados aos idosos no Distrito Federal, e posteriormente, da escolha de dois deles por causa do acesso facilitado a esses espaços.

2. SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

A seleção dos participantes que foram entrevistados foi realizada a partir dos bailes para idosos selecionados.

A entrevista foi realizada de forma individual a fim de possibilitar explorar com profundidade a perspectiva do participante e do seu mundo social. Além disso, possibilitou a privacidade e foi mais favorável ao recrutamento dos participantes.

A entrevista foi guardada em um gravador e posteriormente transcrita. A amostra de entrevistados foi composta de 12 idosos e 12 jovens e adultos da comunidade. Sendo assim, foram realizadas 24 entrevistas no total, para que fosse possível fazer uma análise qualitativa dentro do objetivo do estudo.

Para efeitos desta pesquisa, foram considerados idosos todos aqueles que tiverem idade igual ou superior aos 60 anos de idade, como definido pelo Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 2003.

Como critério de seleção para os idosos que foram entrevistados, foi estabelecido que estes deveriam ter frequentado o espaço de socialização e convivência do idoso a no mínimo 6 (seis) meses, tempo que se imaginou ser suficiente para adaptação e participação efetiva do idoso no baile para idosos.

⁷ Inicialmente, foi necessário traçar um perfil institucional do espaço procurado, que foi caracterizado como um local destinado à convivência e à socialização dos idosos dentro da comunidade em que há interação por meio da dança, ou seja, o baile, e que tenham estrutura física fixa para realização das atividades, possibilitando o acesso tanto de idosos quanto da comunidade.

Para a comunidade, o critério de seleção dizia respeito à frequência mínima de 3 (três) vezes há um ou mais bailes para idosos. Foram entrevistadas pessoas com idade entre 18 e 59 anos neste grupo.

Em ambos os casos, a amostragem foi realizada de maneira aleatória no dia das entrevistas. Na Associação dos Idosos de Taguatinga houve uma grande dificuldade da pesquisadora em conseguir entrevistar homens jovens da comunidade, o que acarretou na necessidade de entrevistar mais homens da comunidade na Associação dos Idosos da Ceilândia.

Em relação aos cuidados éticos adotados durante a pesquisa de campo, os entrevistados foram informados sobre a não obrigatoriedade em participar da pesquisa e sobre o fundamento da pesquisa antes da entrevista e no momento da seleção dos participantes. Além disso, aqueles que disponibilizaram informações durante a entrevista foram identificados na pesquisa por meio de anonimização, que foi realizada por siglas, pela disposição de gênero e pela idade.

A solicitação para participação da pesquisa foi feita com os idosos, jovens e adultos da comunidade, no momento em que eles estavam nos bailes para idosos. Quando eles foram selecionados foram informados dos objetivos da pesquisa.

Além disso, a decisão de não passar por um Comitê de Ética em Pesquisas (CEP), se deu em decorrência do curto período de tempo para realizar a pesquisa.

Na entrevista o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por motivos⁸ pessoais dos entrevistados, foi realizado de modo oral, e contemplou aspectos básicos da pesquisa, como título, objetivos, relevância/justificativa, e metodologia utilizada.

⁸ Entre os motivos pessoais que levaram à necessidade de realizar o TCLE estão: dificuldades visuais, deficiência que impediam ou dificultavam os entrevistados de escrever, entre outros.

CAPÍTULO 1 - ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: DEFINIÇÕES E ENTENDIMENTOS SOBRE O ENVELHECIMENTO NO BRASIL, NO DISTRITO FEDERAL E NAS CIDADES DE CEILÂNDIA E TAGUATINGA/DF

Um estudo que trata do papel dos bailes para idosos e de sua importância para a população idosa e sua comunidade, necessita, antes de tudo, de uma visão ampla de quais os conceitos abarcam, dentro da realidade social atual, a percepção sobre o envelhecimento e a velhice. Este capítulo se propõe a discutir o processo de envelhecimento, com enfoque específico sobre os idosos do Brasil e do Distrito Federal, e de Ceilândia e Taguatinga, cidades satélites pesquisadas.

1.1 Os diferentes entendimentos sobre o envelhecimento

A discussão a cerca de uma definição de envelhecimento e de velhice, tem constituído, dentro das Ciências Sociais e Humanas, um grande debate. Esse debate, estabelecido historicamente, vem perpetuando o esforço de pesquisadores das áreas sociais na tentativa de romper com a lógica do envelhecimento pautada apenas na compreensão do envelhecimento enquanto etapa biológica pelas ciências exatas. (VERAS, 2003; FALEIROS, 2007; LOUREIRO, 2000; BEAUVOIR, 1976; CAMARANO, 2004)

Por se tratar de uma questão que suscita diferentes conceituações, é importante ressaltar que não é interesse desta pesquisa fixar uma única conceituação que verse sobre o envelhecimento e a velhice, já que a realização de análises teórico-reflexivas sobre estas categorias parece contribuir de maneira mais significativa para a compreensão deste aspecto social aqui problematizado. E ainda sim, a compreensão de forma conjuntural do que vem a ser o envelhecimento, perpassa aspectos biológicos, físicos e psíquicos, mas também reflete em aspectos sociais, culturais e históricos.

A conceituação de envelhecimento dentro de uma sociedade está intimamente ligada ao entendimento que esta tem sobre o que é envelhecer. Muito além de uma concepção baseada puramente em estratificações por idade, o significado atribuído à velhice parte de uma construção social, que pode ou não sofrer mudanças nos diferentes momentos históricos.

Simone de Beauvoir (1976) diz que é necessário um olhar integral sobre a velhice, nem apenas biológico, nem apenas cultural. Assim, o homem é entendido como um ser que muda constantemente, e a definição da fase da vida em que se encontra corresponde aos valores

postos pela ordem vigente de produção, que determina como se estabelecem as relações sociais e, conseqüentemente os papéis sociais.

Sobre a percepção do que é a velhice, Loureiro (2000) não compreende um conceito fechado, mas cita Simone de Beauvoir, que diz que a velhice é “um fenômeno biológico com reflexos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade não mais jovem nem adulta, da idade avançada” (p.20)

Dessa forma, ainda na tentativa de compreender quando uma pessoa se torna velha, trazendo autores clássicos como Hipócrates, Sócrates, Jean-Pierre Gutton, entre outros, Loureiro (2000) discute que mesmo uma caracterização do ciclo de vida não existe, e que esta não é uma questão meramente cronológica.

Assim, Loureiro diz, citando Gugrispa “se o envelhecimento celular e orgânico começa no nascimento, a questão permanece sobre quando uma pessoa se torna velha numa sociedade industrial avançada no final do século XX” (GUGRISPA apud LOUREIRO, 2000, p. 20).

Assim, seria possível afirmar que a velhice configura-se em uma das fases da vida, caracterizada de diferentes formas por cada cultura e sociedade, a depender do momento histórico. Tem ainda relação direta com algumas mudanças físicas e biológicas, mas também pode ser caracterizada por seus reflexos nas relações sociais e pessoais, relativas a identidade.

A percepção da sociedade moderna sobre a velhice tem sido pautada por uma visão estigmatizada do homem velho. Ele é visto agora como incapacitado, como um membro sem valor da sociedade, e que apenas traz encargos para os demais, tanto para a família quanto para a comunidade, o Estado, etc.

Isto porque o modelo de produção capitalista, que tem estabelecido como se configuram as relações sociais na sociedade atual, vem desvalorizando o envelhecimento e o idoso, discriminado pela falta de contribuição direta na produção e reprodução da sociedade e de seus valores, o que segrega o idoso dos processos sociais, e reflete diretamente em sua identidade social e individual – aquela que ele percebe, e a que a sociedade lhe impõe. (NERI, 2007).

Toda essa desvalorização do idoso por causa da ausência de contribuição no processo produtivo tem configurado uma forte barreira para o desenvolvimento das capacidades e habilidades que o homem pode ter nesta fase da vida. De certo modo, é essa visão fatalista da velhice que tem estabelecido valores pejorativos e, contribuído para uma estigmatização cada

vez mais recorrente do envelhecimento (LOUREIRO, 2000). Esta perspectiva nos leva a pensar o que se tem colocado sobre os padrões da sociedade e suas limitações por meio dos valores, uma percepção diferente do que se poderia explorar nesta fase da vida, tudo para provocar os idosos a manterem uma imagem socialmente aceita, que passa claramente por um processo de alienação que os torna vítimas do sistema.

Para este debate sobre o envelhecimento há várias contribuições tanto nas Ciências Sociais e Humanas quanto nas Ciências Exatas⁹, mas por se tratar de um enfoque que tenta abarcar o fenômeno do envelhecimento de maneira conjuntural, a utilização de autores que extrapolem as questões relacionadas a uma definição biológica e física do envelhecimento é imprescindível.

No que tange as definições sobre os termos que serão utilizados no decorrer desta monografia para se referir aos idosos, é fundamental contextualizar todas as nomenclaturas advindas tanto do arcabouço teórico pré-existente na área, quanto das normativas que tratam sobre a temática estudada.

É comum nas legislações, pesquisas acadêmicas, e trabalhos afins, que os termos mais utilizados para se referir à pessoa idosa sejam: idosos; terceira idade; velho; entre outros. Estes termos, em geral, possuem uma relação direta com a concepção de envelhecimento da sociedade, e com a tentativa de estabelecer um período fechado para a fase do envelhecimento humano, pautado em critérios etários que desconsideram uma série de fatores que são relevantes nesta fase da vida.

Inicialmente, Camarano *et al* (1999) coloca a necessidade de definição da categoria “idoso” baseada na necessidade de desenvolver políticas sociais específicas para este segmento populacional. Uma vez que há necessidade de desenvolver políticas voltadas para os idosos, é necessário estabelecer características universais e impessoais que permitam que as pessoas possam ser categorizadas deste modo.

Assim, uma definição preliminar do que é ser idoso, baseada na simples distinção do vocábulo, nos traz a ideia de que “idoso” é aquele “que tem bastante idade”, que é “velho”, segundo definição trazida pelo Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

⁹ Sobre este debate ver CAMARANO (2004), CHAIMOWICZ (1997), DOLL (2007), LOUREIRO (2000), MORAGAS (1997), NERI (2007), FALEIROS (2007), entre outros.

Historicamente, na França do século 19, eram considerados idosos aqueles que tinham meios para se prover, e que possuíam algum papel de destaque social. (SIQUEIRA *et al*, 2002)

No Brasil, após a década de 60, os idosos começaram a ser considerados como sujeitos de direito, e este termo passou a ser utilizado pelos documentos oficiais e legislações do país. (SIQUEIRA *et al*, 2002)

Destarte, o termo idoso, utilizado nas legislações que versam sobre os direitos da pessoa idosa, foi utilizado inicialmente na Política Nacional do Idoso (PNI), Lei nº 8.842 de 04 de janeiro de 1994, que traz no artigo 2º a seguinte definição: “Considera-se idoso, para os efeitos desta Lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade” (BRASIL, 2010, p. 05). Este termo é amplamente utilizado pelas políticas sociais, e é baseada principalmente no critério de classificação cronológico, uma vez que considera apenas a idade das pessoas para defini-las como idosas. Sua definição é corroborada também pelo Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de outubro de 2003.

No que tange a definição de velho/velhice, e o estigma que lhe foi e, de certo modo, ainda é, atribuído na sociedade brasileira, SIQUEIRA *et al* (2002) coloca que sua origem data do século 19, na França, quando eram considerados velhos todos os indivíduos que não tinham posses, ou que não podiam se manter; já os indivíduos que tinham certo status sociais eram tidos como idosos. No Brasil, até a década de 60 a lógica para a definição de velhos era a mesma, mas após este período, começou-se a pensar nos velhos de uma forma diferenciada.

Sobre o termo “terceira idade”, este é utilizado para tirar o estigma do termo “velho” e , segundo Siqueira *et al* (2002)

“(…) é uma construção das sociedades contemporâneas e vem sendo empregado por acreditar-se que é isento de conotações depreciativas e, como destacou Debert (1999), para atender a interesses de um mercado de consumo emergente. Refere-se, em geral, àqueles idosos que ainda não atingiram a velhice mais “avançada”, estão na faixa dos 55 aos 70 anos, e inclui, fundamentalmente, indivíduos que ainda têm boa saúde e tempo livre para o lazer e para novas experiências nessa etapa da vida”. p. 10

Compreendido de forma diferenciada e contextualizada ao cenário histórico e social moderno, o termo “terceira idade” é ainda visto como uma tentativa de classificar aspectos de diferentes áreas da vida na sociedade ocidental, sempre na busca por uma classificação voltada para o etário, buscando características peculiares. (CAMARANO *et al*, 1999)

Por fim, para apreender como são classificados por meio de olhares e características diferenciadas o envelhecimento, é possível apresentar 4 (quatro) perspectivas para a compreensão do que é envelhecer: a perspectiva biológico/comportamentalista; a economicista; a socioculturalista; e a transdisciplinar.

Na perspectiva biológico/comportamentalista, o destaque é pautado no processo de “decrepitude física ocasionada por fenômenos degenerativos naturais do organismo” (*SIQUEIRA et al, 2002, p. 03*).

Neste sentido, a sociedade e os próprios idosos deveriam desenvolver ações que retardem esse processo, que seria decorrente da transição demográfica pela qual a sociedade vem passando desde a década de 60, e que exige do Estado mudanças nas políticas públicas de saúde, para que possam se adaptar ao novo perfil populacional e as demandas advindas dele.

Na perspectiva economicista, o aspecto que é levado em consideração para compreender o envelhecimento é a questão do papel na estrutura social produtiva, mais especificamente sobre a saída do indivíduo desta estrutura, por meio da aposentadoria, e das implicações sociais e pessoais que este tornar-se “improdutivo”, “inativo” ou “incapaz” traz para a vida do idoso. Além disso, há tem as implicações sociais e intrafamiliares acerca dos idosos que representam a fonte de renda da família. (*SIQUEIRA et al, 2002*)

Na perspectiva socioculturalista, há o reconhecimento da importância das questões econômicas e biológicas no entendimento do envelhecer, mas compreende-se que não são suficientemente amplos e profundos para explicar os fatos advindos do envelhecimento; A velhice é vista como uma construção social, como um papel social cujas características são definidas social e culturalmente dentro da família e da divisão social do trabalho. (*SIQUEIRA et al, 2002*)

Na quarta perspectiva trazida por Siqueira *et al* (2002), transdisciplinar, a velhice é vista como um fenômeno social e natural do homem, que podem apresentar problemas e/ou limitações em diferentes áreas da vida:

Nessa perspectiva, a velhice é percebida como fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível, que, na sua totalidade existencial, defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento (p. 9)

Para fins de conceituar e compreender o envelhecimento, a perspectiva mais completa, que parece abranger mais aspectos deste processo, é a interdisciplinar, e será, portanto, a utilizada para basear as reflexões durante o desenvolvimento deste trabalho.

Além disso, o critério cronológico de definição de idoso, apesar de apresentar limitações, como a homogeneidade dos indivíduos, no espaço e no tempo; a suposição de que características biológicas existem de forma independente de características culturais; e sua finalidade social (CAMARANO *et al*, 1999) será utilizada para facilitar análises de acordo com as legislações que tratam sobre os direitos dos idosos.

1.2 A POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

O envelhecimento populacional no Brasil tem sido cada vez mais perceptível, como aponta a Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio, realizada pelo IBGE em 2011, que mostra que os idosos eram cerca de 23,5 milhões da população, o que representa um grande aumento quando se considera que na década de 90, os idosos eram aproximadamente 10,7 milhões.

No Brasil, ainda segundo a PNAD de 2011, o número de idosos é maior que o de crianças, situação que expressa bem o aumento da velhice na população. Este fenômeno ocorre em todo o território nacional, exceto no Norte, onde a população de jovens ainda é mais representativa.

Diante do crescimento representativo da pessoa idosa no Brasil, o Ministério da Saúde, por meio do programa “Brasil Saudável”, construiu a proposta do “envelhecimento ativo”, em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS), que foi apresentada na Assembléia sobre Envelhecimento de 2002, realizada em Madri (Espanha).

A proposta do envelhecimento ativo diz respeito ao “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”. (OMS, 2005, p. 13)

Dessa forma, o envelhecimento ativo relaciona-se à promoção da saúde, e promove a saúde de maneira integral, proporcionando o desenvolvimento de todos os aspectos da vida social e suas relações, nas mais diversas fases, mas evidenciando o envelhecimento como etapa que apresenta-se mais frágil diante do envelhecimento populacional, como é o caso do Brasil.

1.3 OS IDOSOS DO DISTRITO FEDERAL

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2005, até o ano 2025 o Brasil será o sexto país com maior número de pessoas idosas no mundo.

Na Região Centro-Oeste, os dados dos censo demográficos realizados nos anos de 1991, 2000 e 2010, demonstram um crescimento da parcela idosa da população que vai de 3,3% até 5,8% da população total. (IBGE, 2010)

Dessa maneira, a população se mantém ainda com uma estrutura etária intermediária, ou seja, com uma população que não é nem envelhecida, nem jovem, muito próxima da realidade do país.

O Distrito Federal, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada em 2011 pela CODEPLAN (Companhia de Planejamento do Distrito Federal), contava com 326.424 idosos em sua população, o que correspondia a 12,77% da população total.

Diante do crescimento do número de idosos no Brasil e no Distrito Federal, percebe-se uma necessidade de conhecer, desenvolver e ampliar as políticas de proteção aos direitos do idoso seja na assistência social, na saúde, ou na previdência social, com o intuito de garantir os direitos sociais, individuais e políticos de forma integral, a fim de possibilitar segurança e proteção para uma velhice saudável e melhores condições de vida, segundo consta na Lei nº 10.741, de 2004, que dispõem sobre o Estatuto do Idoso, e na Política Nacional do Idoso, Lei nº 8.842 de 1994.

Segundo Araújo, grande parte desses idosos possui o seguinte perfil:

A maioria são mulheres, moram com a família ou em instituições de longa permanência para idosos; dependem de benefícios previdenciários e da assistência social para se manter e, muitas vezes para sustentar sua família; fazem uso de remédio contínuo por causa de seu estado de saúde mais vulnerável; e não conhecem nenhum ou quase nenhum de seus direitos (ARAÚJO *et al.*, 2008)

Uma parcela desses idosos, que segundo o Estatuto do Idoso, são responsabilidade da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público, estão muitas vezes sujeitos a situações de vulnerabilidade econômica e social suas e de sua família de origem, o que gera a necessidade de procura por asilos, que segundo Camarano (2010) são estruturas que integram a assistência social, mas que, diante da complexidade, e visando a integralidade do idoso, começam também a integrar a saúde e a previdência social.

As atenções dispensadas aos idosos, assim como a legislação, surgiram tardiamente. A Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) de 1993 foi a primeira legislação que permitiu que os idosos tivessem acesso ao Benefício de Prestação Continuada, um avanço para uma grande faixa de idosos que vivia com até 1/4 de salário mínimo, mas somente em 2003 foi criado o Estatuto do Idoso, Lei 10.741, uma lei específica que visa proteger e discorrer a cerca dos direitos dos idosos.

O Estatuto do Idoso discorre sobre a especificidade do idoso, a garantia de proteção integral, os direitos fundamentais à saúde, alimentação, lazer, moradia, cultura, esporte, educação, profissionalização, trabalho, previdência social, assistência social, liberdade, respeito, e o direito à dignidade, além do direito à vida.

Mesmo com a divulgação dos seus direitos, os idosos ainda são vítimas constantes da violência social, designada por Faleiros (2007), como uma espécie de processo que se expressa na estrutura advinda do sistema econômico, das relações de poder, nas divergências entre grupos como, por exemplo, relacionados a etnia, gênero, cultura, instituições, etc. Além disso, o autor apresenta ainda na utilização da análise da violência, a contextualização de que o conflito seria a expressão da falha das políticas na garantia de cidadania.

No Distrito Federal, segundo dados da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SEJUS) de 2009, Ceilândia é a Região Administrativa (RA) que mais recebeu denúncias de abusos e maus tratos contra idosos em comparação a outras regiões administrativas, como Taguatinga, Gama e Plano Piloto. Esses dados alarmantes explicitam um quadro de descaso no Distrito Federal em relação a proteção e a promoção dos direitos dos idosos.

Sendo assim, é necessário que haja por parte de toda sociedade o conhecimento sobre os direitos e as formas de proporcionar qualidade de vida aos idosos. Isso porque haverá uma necessidade cada vez maior de se compreender como a sociedade civil aliada às instituições de amparo ao idoso e as políticas sociais poderão lidar com a fragilidade social, biológica e psicológica que será cada vez mais comum na sociedade brasileira, e isso inclui o combate a toda e qualquer forma de violência que a terceira idade possa sofrer.

Desse modo, percebe-se que o idoso pode vir a ser uma vítima de restrição de direitos sociais legalmente conquistados, na medida em que não possui oportunidade de ter o convívio social com outros grupos sociais, haja vista que não possui autonomia sobre si em muitas situações cotidianas.

Daí a importância de se investigar as condições de vida e de convivência comunitária dos idosos, percebendo a rede social que os envolve e as necessidades que persistem.

Ao avaliar o processo de envelhecimento que se dá a partir da década de 60 na sociedade brasileira, é possível perceber que não só a violência contra o idoso está relacionada com o sistema de saúde público, mas também criou demandas ainda maiores para a saúde, haja vista a grande quantidade de doenças e tratamentos utilizados para as doenças da terceira idade, e não somente em relações a doenças, mas também à vulnerabilização da saúde desse grupo populacional ocasionada pelas diversas formas de violência que inspiram cuidados ainda maiores com a saúde. (VERAS, 2003)

Chaimowicz (1997) faz uma análise a cerca dessa percepção e ressalta como este crescimento demográfico da classe brasileira exigiu da saúde pública o desvio de outros tipos de serviço da saúde para o desenvolvimento de medidas que atendessem aos idosos, como por exemplo, prevenção e tratamento das crônico-degenerativas. Mas ainda assim, até mesmo estas medidas não receberam a devida atenção, e criaram problemas para a sociedade porque ao invés de medidas preventivas, utilizamos cada vez mais medidas na saúde pública que dizem respeito a medicação.

Na realidade, há um *déficit* de assistência á saúde do idoso em vários âmbitos, incluindo no registro e no preparo dos profissionais no que diz respeito às percepções de idosos que sofreram violência, seja ela intrafamiliar, sociopolítica ou institucional, e não somente do sistema de saúde público, mas até mesmo a previdência social não garante amplamente o exercício da autonomia e da qualidade de vida dos idosos, ainda mas se esta referencia for feita com base nas divisões sociais, que evidenciam a demanda por saúde e por garantia de direitos dos idosos de classes mais periféricas. (CHAIMOWICZ, 2007). De certo modo, estas análises refletem também no quadro do idoso residente no Distrito Federal, que tal como em outros estados, enfrenta desafios para manter um envelhecimento saudável.

1.4 A situação da população idosa nas cidades dos bailes de terceira idade estudados: Ceilândia e Taguatinga (DF)

O Distrito Federal, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), realizada em 2011 pela CODEPLAN, contava com 326.424 idosos em sua população, o que correspondia a 12,77% da população total.

Desse percentual, as cidades onde a maior parte das pessoas tinham idade igual ou superior acima dos 60 (sessenta) anos, eram o Lago Sul e Brasília, que apresentavam, respectivamente, 30,12% e 21,88% de sua população como idosos.

As cidades em que foram realizadas as entrevistas, Ceilândia e Taguatinga, foram selecionadas por fazerem parte do grupo das cidades mais populosas do Distrito Federal, sendo Ceilândia a que possui o maior número de habitantes, e Taguatinga a que possui o terceiro maior número de habitantes.

Além disso, Ceilândia e Taguatinga ocupam o segundo e o terceiro lugar no ranking das cidades com mais idosos no Distrito Federal, segundo dados da PNAD (2011).

Ceilândia, a Região Administrativa (RA) IX, tem uma população de 209.926 mil habitantes. Foi fundada em março de 1971, como resultado da Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), que foi criada para combater o grande aumento de favelas nos arredores da capital federal, um dos maiores problemas sociais da época.

Sendo a Região Administrativa mais populosa do Distrito Federal, Ceilândia conta com 45.445 mil idosos, o que corresponde a 11,24% da população total, sendo a 2ª cidade com maior número de idosos no DF. (PNAD, 2011)

Taguatinga, a Região Administrativa (RA) III, foi criada em junho de 1958, e foi a primeira cidade satélite a ser fundada.

Por ter uma população de 36.246 mil idosos em meio aos 197.783 mil habitantes, o que equivale a 18,33% do total, ocupa a posição de 3º (terceiro) lugar como cidade com o maior número de idosos. (PNAD, 2011)

CAPÍTULO 2 – ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS E A CARACTERIZAÇÃO DOS BAILES COMO ESPAÇOS DE DANÇA E SOCIABILIDADE DOS IDOSOS E DA COMUNIDADE

Este capítulo se propõe a discutir, primeiramente, no âmbito bibliográfico (teórico) as diferentes caracterizações dos bailes, expondo as regras que os definem a partir do resgate de literatura da autora Alves (2004) e de Siqueira (2009); e, posteriormente, uma análise/descrição dos espaços de bailes da Associação dos Idosos da Ceilândia e da Associação dos Idosos de Taguatinga, locais onde foi realizado o estudo. Optou-se por esse tipo de relato aqui, uma vez que, a fase de coleta de dados (por meio de entrevistas) trouxe também um rico material de observação social dos bailes que foi tabulado em nosso diário de campo. Diante da qualidade dos dados, optou-se por descrevê-los aqui e assim melhor caracterizar nosso objeto de pesquisa.

2.1 – Os Bailes frequentados por idosos e pela comunidade: seus tipos e regras

Os bailes são espaços de sociabilidade, que é aqui compreendida como a forma de interação, de troca de experiências e de associação entre as pessoas nas mais diversas esferas da vida social.

Nesses ambientes essa interação se estabelece por meio de elementos diversos que permeiam as relações sociais, e que tem analogia com a cultura, os costumes, o lazer e a convivência comunitária entre diferentes grupos etários e distintas classes sociais.

Siqueira (2009) define os bailes como “(...) espaços de sociabilidade e de produção de uma experiência (...) onde a criatividade, a reflexividade e a ruptura temporária do fluxo da vida social são demarcadas pelos eventos simbólicos e culturais”. (p. 12)

Sendo assim, se os bailes são caracterizados, segundo (ALVES, 2004) pela frequência de diversos tipos de pessoas, pertencentes aos mais diversos grupos sociais, e da interação entre estes grupos num espaço para a convivência e o desenvolvimento de relações por meio da música e da dança, recebem também diferentes caracterizações, e dividem-se em diferentes tipos, a depender das características que apresentam.

Os bailes são categorizados em 5 tipos, segundo Alves (2004): baile; baile-ficha, baile de contrato; bailes de ritmos específicos; baile de terceira idade. Traremos algumas das características dessas tipologias dos bailes segundo a referida autora para buscar uma análise sobre os espaços estudados.

2.1.1 Baile

O baile, segundo (ALVES, 2004) tem entre suas características a heterogeneidade étnica e de camadas sociais apresentadas por seus frequentadores.

Nesses bailes há preponderância de mulheres, geralmente acima dos 60 (sessenta) anos; neles é permitida a entrada de pessoas de todas as faixas etárias.

Geralmente os bailes (considerados popularmente como “comuns”) acontecem nos finais de semana, geralmente no período da noite. Os frequentadores costumam ser assíduos, e pagam valores maiores do que o dos bailes dos tipos “ficha”, “contrato” ou de “terceira idade” para que possam entrar.

Os estilos musicais são variados, passando por estilos como forró, samba, bolero, entre outros. Nestes casos a música costuma ser tocada por uma banda que se apresenta ao vivo¹⁰.

Algumas regras são costumam ser estabelecidas para o vestuário dos bailes: entre as mulheres é recomendada a utilização de saias e vestidos mais longos e saltos altos, e entre os homens, a utilização de camisa social e calças compridas.

2.1.2 Baile-ficha

O baile-ficha é um tipo de baile que surgiu nas décadas de 90 no Brasil, e que se propagou principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e de Fortaleza¹¹.

Este baile tem como objetivo, segundo (ALVES, 2004) permitir que alunas de academias pratiquem a modalidade de dança que estão aprendendo num espaço externo à escola. Para que esta prática ocorra de fato é necessário levar um par, ou adquirir uma das fichas, vendidas no valor entre R\$1,00 e R\$3,00, que permite a quem as adquire escolher um dos instrutores para dançar.

Entre os frequentadores há necessidade de dividi-los em dois grupos: dos dançarinos e do público. Entre os dançarinos, a maioria é do sexo masculino; se encontra na faixa dos 20 aos 40 anos; os mais novos possuem um grau de escolaridade mais elevado que os mais velhos.

Já o perfil do público é de que é formado majoritariamente por mulheres; possuem o estado civil de casadas, solteiras, viúvas ou divorciadas; recebem benefícios assistenciais ou

¹⁰ A modalidade de música ao vivo é aquela em que a música é tocada por uma banda ou um cantor sozinho no momento da realização do evento.

¹¹ Dados encontrados nos trabalhos de dissertação de mestrado de Siqueira (2009) e Alves (2004)

previdenciários; estudaram até o Ensino Médio; e costumam frequentar os bailes próximos a suas residências ou bairros (ALVES, 2004)

Geralmente são realizados em três tipos de espaço: clubes e associações de bairro, escolas de dança, restaurantes e hotéis. Costumam ocorrer pouco tempo em um mesmo espaço, a depender da frequência do público; acontecem durante a semana ou nos finais de semana, mas geralmente sempre há pelo menos um baile-ficha aberto a cada dia da semana; têm duração média de quatro horas, podendo ter início no final da tarde ou início da noite; na entrada do baile há sempre um espaço para a venda de entrada e das fichas; os organizadores são, em geral, homens que eram instrutores de dança em outros bailes, e que se utilizaram da dança como meio de ascensão social;

Os bailes do tipo “ficha” costumam tocar ritmos alternados, mas os estilos musicais que mais aparecem são o forró, o samba, o bolero e o soltinho.

Quanto ao consumo, nesses bailes são vendidos apenas bebidas não-alcoólicas, e alimentos de fácil e rápida consumação, como salgados.

Nos bailes-fichas há uma grande preocupação com o vestuário e a aparência. As mulheres em geral usam salto alto, usam vestidos, saias ou calças de tecidos mais leves; os homens vestem-se com camisas sociais, calça de tecido leve, cinto e sapato fechado.

2.1.3 Baile de contrato

A característica que melhor identifica o “baile de contrato” é que este pode ocorrer dentro de todos os outros ambientes dos bailes, sendo uma ação paga.

Na realidade, a modalidade de “contrato” é a forma encontrada por algumas dançarinas para garantir que poderão de fato dançar nos bailes, uma vez que podem ocorrer situações em que os homens que vão aos bailes já estão acompanhados, dançam pouco ou não dançam. (SIQUEIRA, 2009)

Além disso, esses contratos têm valores previamente combinados entre os dançarinos, e dependem da relação que já está estabelecida entre eles. Os valores costumam variar entre R\$30,00 e R\$100,00, e incluem consumo durante o baile, entrada e um cachê. Mesmo diante do pagamento é costume que os dançarinos tenham de assumir uma postura discreta em relação ao acordo, afim de manter a cordialidade no salão. (ALVES, 2004)

2.1.4 Bailes de ritmo específico

Os bailes de ritmo específico são os bailes em que os dançarinos costumam dançar apenas um único estilo musical, seja ele o forró, o bolero, o soltinho ou outro. Por não permitirem a socialização por meio de vários estilos musicais, eles acabam restringindo o seu público. (ALVES, 2004)

2.1.5 Baile de terceira idade

Os bailes de terceira idade são modalidades que ofertam atividades de lazer e convivência comunitária por meio da dança e da música, a um público alvo específico, que neste caso são as pessoas com idade igual ou superior aos 60 anos. Os idosos.

A “terceira idade”, enquanto categoria, surgiu na década de 60 na França, e referia-se à emergência de um novo entendimento sobre a velhice, relacionada ao lazer, e ao incentivo à dissociação com as doenças e a debilitação que comumente era feita com o passar dos anos e com a aposentadoria, que gerava grandes impactos na vida social dos idosos. (FRUTUOSO, 1996 *apud* NUNES, 2000)

Ainda sim, mesmo com este entendimento, Alves (2004) refere que grande número dos bailes que eram chamados “bailes de terceira idade”, passaram a ter seus nomes modificados para tentar dissociar uma conotação negativa da categoria “terceira idade”.e “bailes”

Esta dissociação foi atribuída ao fato de “bailes” serem palavras que conotam um ambiente mais estático. Além disso, o fato de a dança funcionar apenas como um dos elementos de sociabilidade desses bailes, e não como o principal, representa para as mulheres idosas um motivo para a desvalorização desse espaço; enquanto para os homens, garante o espaço de sociabilidade e encontro que eles buscam.

Brod (2004) atribui o surgimento dos bailes para a terceira idade a partir dos grupos de convivências para idosos, em que os bailes eram formas de permitir a socialização e a confraternização em datas comemorativas.

O principal objetivo dos bailes de terceira idade é, portanto “(...) oferecer às pessoas de mais idade uma atividade lúdica, um espaço de sociabilidade entre pessoas que fazem parte de um mesmo grupo etário”. (ALVES, 2004, p.30)

Deste modo, a principal característica dos bailes de terceira idade é propor-se a atender as necessidades de lazer de um público específico, os idosos.

Os frequentadores são majoritariamente mulheres, que procuram rever suas percepções sobre a velhice e seus estigmas e procuram estabelecer novas relações sociais a partir do lazer, da amizade e dos relacionamentos amorosos na fase da velhice.

Os bailes ocorrem no período vespertino, e além dele, são ofertadas atividades de lazer e esporte paralelas, tais como bingo, dama, etc.

Em algumas localidades há idade mínima para o público que frequenta esses bailes. Em geral a idade mínima é aproximada dos 40 anos idade.

Quanta à questão do vestuário, as mulheres idosas costumam dar bastante importância à sua apresentação, utilizando saias longas e roupas de festa¹² e trajes utilizados em festas realizadas no período da tarde.

2.1.6 Organização dos Bailes

Para que os bailes possam de fato proporcionar espaços de interação e sociabilidade entre os idosos e entre as diferentes gerações, seus organizadores devem preocupar-se com algumas características de sua organização.

A organização dos bailes geralmente é feita pelas associações de idosos ou dos bairros, ou pelos Grupos de Convivência.

Brod (2004) cita três momentos distintos para a organização dos bailes de dança: organização (fase preparatória), desenvolvimento (fase que se desenvolve durante os bailes) e finalização (fase de encerramento). Cada uma das três fases será caracterizada a seguir:

Na primeira fase, que é a fase de organização, costumam ser definidos alguns passos. São eles: data do baile; local onde será realizado; banda ou cantor e estilo musical a ser tocado; divulgação do evento; arrumação e ornamentação.

Na segunda fase, do desenvolvimento, algumas características podem ser destacadas: cerimônia de abertura (para os locais mais tradicionais); duração do baile; período em que será realizado; custo para quem frequenta; venda de alimentos e bebidas; atividades paralelas que serão ofertadas (caso sejam).

Na terceira e última fase, as preocupações giram em torno do pagamento da banda (caso haja); da arrumação do local; de como será revertida a renda adquirida para promover novas ações visando melhorias nos bailes e/ou para seus usuários.

¹² Ver FREITAS, 2000

Por fim, destaca-se que os diferentes tipos de bailes existentes, baile “comum”, baile-ficha, baile de contrato, bailes de ritmo específico e baile de terceira idade, proporcionam um espaço de socialização por meio da dança para diversos grupos etários, sociais e étnicos diferentes.

2.2 Os espaços da dança: os bailes das Associações dos idosos de Ceilândia/DF e Taguatinga/DF

Na tentativa de explorar parte do universo dos bailes de terceira idade do Distrito Federal, e a fim de elucidar o objetivo desta pesquisa, compreendendo concepções da comunidade e dos idosos acerca dos bailes enquanto espaços de sociabilidade e convivência comunitária foram selecionados dois espaços de bailes de terceira idade, a Associação dos Idosos de Ceilândia e a Associação dos Idosos de Taguatinga.

Serão apresentados breves históricos dessas associações e, posteriormente, uma caracterização das regras e normas dos bailes de terceira idade realizados por essas associações, com dados provenientes dos coordenadores das associações, das entrevistas e das observações de campo.

2.2.1 Associação dos Idosos de Ceilândia (AIC)

A Associação dos Idosos da Ceilândia é uma organização da sociedade civil¹³, de direito privado, sem fins lucrativos, sem quaisquer ligações políticas ou religiosas, e que foi criada em 1991 a partir de uma demanda da própria comunidade de uma entidade que representasse e ajudasse a reivindicar os seus direitos, e também pela ociosidade que os idosos apresentavam na comunidade na época.

Na época de sua fundação, a associação contou com aproximadamente 75 (setenta e cinco) idosos residentes principalmente da Ceilândia Sul.

A AIC funciona no horário diurno e em modalidade não asilar.

O espaço onde se encontra a Associação dos Idosos da Ceilândia é um galpão cedido pela administração da Ceilândia, em que não ocorrem somente as atividades da Associação dos Idosos da Ceilândia, pois o espaço é dividido ainda com mais duas organizações: uma que defende os direitos dos deficientes e um grupo religioso¹⁴.

¹⁴ Dados retirados do diário de campo (07/04/2012)

Ao longo dos anos várias atividades de lazer, cultura, educação, esporte e saúde têm sido ofertadas para os idosos residentes na Ceilândia e em outras localidades próximas que costumam frequentar a Associação. As atividades ofertadas consistem em: Bailes de terceira idade; ginástica (oferecida pelo Centro de Saúde da região, por meio de uma parceria); cursos de artesanato; alfabetização; passeios e viagens; entre outros.

A principal atividade ofertada pela AIC é o baile de terceira idade, que funciona como um espaço que visa promover a interação entre os idosos e entre as demais gerações, além de ter sido criado por uma demanda dos idosos por atividades que os mantivessem ocupados.

A associação realiza semanalmente três bailes de terceira idade. Os dias foram escolhidos por serem os dias em que os idosos mais compareciam à associação. A saber: terça-feira, quinta-feira e sábado.

O baile realizado na terça-feira possui restrição de faixa etária. Sendo assim, o público alvo desse baile de terceira idade são os idosos, mas abre-se uma exceção para as pessoas a partir dos quarenta anos.

No baile da terça-feira não é cobrado ingresso na entrada, pois a cobrança só se justifica, segundo a representante da associação, porque é necessário pagar a banda ou o músico que se apresenta ao vivo durante os bailes. Como às terças as músicas são selecionadas e colocadas de modo eletrônico, não há necessidade de cobrar ingresso. O baile é realizado no horário vespertino, no horário das 15 às 19 horas.

No baile de quinta-feira não há idade mínima para os frequentadores. E ele é realizado no horário das 15 às 19 horas. Já no baile do sábado o horário é diferenciado, das 15 às 21 horas, já que há o aumento do público, tanto de idosos quanto da comunidade.

Em geral, os participantes dos bailes de terceira idade vêm de distintas comunidades e localidades de origem. As cidades mais comuns onde residem os frequentadores são Ceilândia, Taguatinga e Samambaia.

Depois da abertura do galpão, onde o espaço, apesar de amplo, tinha problemas técnicos de iluminação e uma estrutura insuficiente para suprir a grande demanda de idosos que começava a chegar no local, algumas atividades paralelas começaram a ser desenvolvidas. Alguns idosos iam chegando e pegando mesas que colocavam na área externa do galpão, para poder jogar enquanto não começava o baile.

O problema da iluminação e do espaço insuficiente, que chegava a tornar o ambiente bastante abafado, acabou sendo resolvido com a construção de novas janelas que foram

abertas no local, junto a ventiladores que foram instalados, e que auxiliarem também na iluminação do ambiente.

Além disso, na área externa começaram a se aproximar alguns vendedores, que traziam produtos alimentícios e bebidas alcólicas e não alcólicas para vender aos frequentadores, mas a ressalva é que nenhuma bebida pode ser consumida dentro dos bailes.

Até mesmo a Associação mantinha alguns produtos alimentícios para serem vendidos no local, cuja renda seria revertida para suas próprias atividades, porque não há financiamento por parte da administração ou do governo, uma vez que o espaço da associação é cedido e tem havido um entrave burocrático para obter o alvará, sem o qual não é possível conseguir financiamento¹⁵.

Posteriormente, a associação passou a fornecer um lanche durante o período de realização dos bailes, visando abarcar também aqueles participantes que não tinham condições de consumir produtos alimentícios¹⁶.

Os espaços de bailes que contam com bandas que tocam ao vivo (quinta-feira e sábado) possuem uma organização um pouco diferenciada.

Logo na entrada há uma pessoa da associação responsável por receber o valor a ser pago pela entrada (R\$5,00). Uma vez paga, o frequentador pode entrar e sair do baile sem preocupação. Por ter esta característica, percebe-se que há um grupo tanto dos idosos quanto da comunidade que é frequentador assíduo dos bailes da AIC.

Além disso, a entrada é paga somente pelos idosos que querem dançar. Os idosos que participam somente das atividades paralelas não pagam nenhuma taxa.

Quanto às regras para o vestuário, o baile conta com algumas considerações: às mulheres é vetada a utilização de saias, shorts e vestidos curtos; os homens só podem utilizar calças cumpridas e camisetas, sendo restringidas apenas as bermudas.

2.2.2 Associação dos Idosos de Taguatinga (AIT)

A Associação dos Idosos de Taguatinga, conhecida popularmente como “Paradão”, foi fundada em 1999, proveniente de um grupo formado por idosas da região chamado “União e Paz”. Sua fundação objetivou-se a partir da tentativa de melhorar a qualidade de vida dos idosos da região, permitindo uma sensibilização por meio de práticas educativas que davam

¹⁵ Dados retirados do diário de campo (07/04/2012 e 24/01/2013)

¹⁶ Dados retirados do diário de campo (24/01/2013)

aos idosos a possibilidade de conhecer seus direitos enquanto idosos, além de tentar despertar uma noção não estigmatizada do envelhecimento sobre os idosos e a comunidade¹⁷.

O baile, o único que ocorre às segundas-feiras, era destinado apenas aos idosos quando foi criado, mas com o passar dos anos passou a ser frequentado por outras pessoas da região, das mais variadas idades.

Na entrada do baile havia poucos carros, mas o local já estava repleto de pessoas, tornando até mesmo a circulação difícil. Conversando com alguns frequentadores depois, descobri que muitas pessoas não tinham carro, iam de carona com os familiares ou amigos, ou pegavam ônibus para chegar ao local, e pela facilidade de descer em um ponto de ônibus bem próximo da Associação dos Idosos de Taguatinga (AIT), esse era um dos bailes mais frequentados.

Ao redor da AIT, há um bar, frequentado por certo número dos idosos e pela comunidade do baile, e alguns vendedores ambulantes que são assíduos nos bailes, como os vendedores de picolé.

Para ter acesso ao baile é necessário pagar uma quantia de R\$5,00. Esta quantia não era cobrada há alguns anos atrás, mas tem se tornado comum nos bailes, tendo seu valor variável, e sendo justificada pela necessidade de pagar os músicos, uma vez que antes a música não era ao vivo.

Apesar de agora não ser mais uma exigência, anteriormente era proibida a entrada de homens usando bermudas e/ou camisas sem mangas, ou de boné. E às mulheres não era permitido o uso de short, saia curta ou blusa curta. Mas estas regras também não estão mais valendo para os bailes que ocorrem no Parádão.

Durante a realização do baile ocorrem algumas atividades paralelas tais como dominó. Na realidade, alguns idosos (na maioria homens) vão aos bailes mas não dançam, participando apenas das atividades paralelas. Às vezes iam aos bailes, com suas companheiras ou sozinhos, e nem chegavam a entrar, pois passavam a tarde inteira revezando os poucos bancos que ficavam ao redor da mesa do jogo¹⁸.

Do outro lado, num pequeno banco de cimento, várias senhoras e algumas mulheres mais jovens ficavam sentadas. Elas conversavam ou ficavam escutando as outras, naquela

¹⁷ Informações retiradas dos sites da AIT

¹⁸ Informações retiradas da observação de campo na AIT (07/01/2013)

hora me disseram que falavam sobre assuntos relacionados aos bailes, mas que também discutiam questões pessoais.

O local onde é realizado o baile, que é um amplo galpão, bastante ventilado, com algumas salas pequenas e um salão grande (onde ocorre efetivamente o baile) percebe-se que a estrutura deste espaço, comparado ao de outros bailes, era bem mais desenvolvida.

O espaço era ventilado, com muitas janelas e ventiladores de teto; possuía um espaço destinado a vender o artesanato produzido pelos idosos durante outras atividades realizadas pela associação; um espaço para a venda de alguns produtos alimentícios e bebidas não alcoólicas; e várias cadeiras espalhadas ao redor do salão, mas que eram insuficientes para o número de frequentadores.

As bandas contratadas tocam sempre vários tipos de forró, mas exclusivamente este estilo musical. O que varia, é apenas o tipo de forró, que pode ser mais lento ou mais rápido, dependendo do tocador.

Ao observar os frequentadores, era notável que a maioria dos presentes eram idosos, e dentro desses, a maioria era do sexo feminino.

Ao conversar com alguns dos idosos e das pessoas da comunidade ali presentes, de forma rápida e informal, alguns questionamentos foram levantados em relação aos bailes de terceira idade da AIT.

Durante um levantamento rápido sobre a frequência aos bailes, várias pessoas relataram frequentar mais de uma vez por semana, em vários bailes diferentes. Os mais citados eram o da AIT (Paradão), o da AIC, NENEN'S chop (localizado no centro de Taguatinga), Lúcio Costa (localizado no Guará) e o do Núcleo Bandeirante.

Além disso, muitas pessoas abordadas pela pesquisadora (aproximadamente 15 pessoas) estavam ali pela primeira vez, e relatavam que tinham ido acompanhar algum parente durante as férias.

Aparentemente poucas pessoas já iam com algum acompanhante, pois dançavam com vários pares de maneira descontraída, mas apenas algumas músicas antes de trocar de par e sair com outro. Apesar disso, várias pessoas pareciam se conhecer de outros lugares.

A maior parte das idosas só dançavam com os idosos, incluindo suas amigas idosas, aparentemente porque estes dançavam mais devagar, e lhe acompanhavam o ritmo, ainda que a música fosse rápida. Já os idosos do sexo masculino, costumavam variar entre dançarinas mais novas e mais velhas.

Havia poucos homens da comunidade que fossem mais jovens presentes no baile, e de todos os que foram abordados, apenas um se dispôs a dar a entrevista. Ainda que fosse proposto que a entrevista fosse realizada ao fim do baile, nenhum outro homem da comunidade aceitou.

Em geral as pessoas mais jovens encontradas relatavam estar ali acompanhando algum parente mais velho, mas também dançavam e tentavam se entrosar com os outros idosos.

Com o passar do tempo o baile foi ficando mais vazio, indicando que se encaminhava para o período de encerramento, ainda no período diurno. Em geral os idosos encaminhavam-se para a parada ou se aglomeravam na porta do baile esperando algum parente ou amigo que viria buscá-los.

A limpeza e a organização do baile no final ficou a cargo das pessoas da associação e de alguns idosos que se voluntariam de vez em quando.

Por fim, a partir da definição dos tipos de bailes, como baile “comum”, baile-ficha, baile de contrato, baile de ritmo específico e baile de terceira idade, atribuída à Alves (2004) pode-se inferir, a partir da descrição das características e regras da AIC e da AIT, que os bailes estudados, ainda que possuam características de outros bailes, podem ser definidos como bailes de terceira idade, por ter como principal objetivo proporcionar lazer e convivência por meio da dança, propondo-se a atender a um público específico, no caso, os idosos, e por ter suas principais atividades realizadas no turno vespertino, paralelas a outras atividades, além de proporcionar socialização aos idosos e a comunidade, entre outras características.

CAPÍTULO 3 – OS BAILES DE TERCEIRA IDADE: A PERCEPÇÃO SOBRE A VELHICE, OS ESPAÇOS DE BAILES E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE A PARTIR DOS IDOSOS E DA COMUNIDADE

Este capítulo apresenta as reflexões e análises acerca dos dados obtidos por meio das observações de campo e das 24 entrevistas realizadas com os idosos e com a comunidade dos bailes de terceira idade das associações de idosos de Ceilândia e Taguatinga, discutindo sua percepção sobre velhice, bailes de terceira idade e sua relação com a comunidade.

3.1 Perfil dos entrevistados

Foram realizadas 24 entrevistas, todas no mês de janeiro de 2013. Os dados foram coletados na Associação dos Idosos de Ceilândia (AIC) e na Associação dos Idosos de Taguatinga (AIT). E, a partir deles, foi desenvolvido o perfil dos participantes dessa pesquisa, que é apresentado a seguir¹⁹.

Faz-se necessário explicar que os dados descritos seguir são meramente ilustrativos do perfil dos entrevistados abordados nessa pesquisa, e que não há pretensão nenhuma de fazer análises generalizáveis, nem tirar alguma inferência genérica sobre esses dados, a partir do que preconiza a pesquisa qualitativa.

TABELA 01 – Relação de idosos e comunidade entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013

| Idosos | Comunidade | TOTAL |
|---------------|-------------------|--------------|
| 12 | 12 | 24 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013.

Como apresentado na tabela nº02, foram entrevistados 06 (seis) idosos do sexo masculino e 06 (seis) idosos do sexo feminino. Também no conjunto dos entrevistados da comunidade a quantidade de pessoas do sexo masculino e do sexo feminino eram 06 (seis) totalizando 12 (doze) entrevistados. Desse modo, foram entrevistados 12 (doze) homens e 12 (doze) mulheres ao longo da pesquisa.

¹⁹ Como não é do escopo deste trabalho realizar uma análise comparativa entre as duas associações (AIC e AIT), os dados serão apresentados separados apenas entre idosos e comunidade.

TABELA 02 – Relação de idosos e comunidade entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por sexo

| Sexo | Idosos | Comunidade |
|------------------|---------------|-------------------|
| Feminino | 06 | 06 |
| Masculino | 06 | 06 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013.

Na relação dos entrevistados por idade entre os idosos, há uma preponderância dos idosos com idades entre 70 (setenta) e 80 (oitenta) anos. Seguidos dos idosos na faixa de idade entre 65 (sessenta e cinco) e 70 (setenta) anos. Apenas um dos entrevistados possuía entre 60 (sessenta) e 65 (sessenta e cinco) anos.

TABELA 03 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por idade

| Idade | Idosos |
|----------------|---------------|
| 60 a 65 | 01 |
| 65 a 70 | 04 |
| 70 a 80 | 07 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013.

Já na relação das pessoas da comunidade entrevistadas, o número de pessoas com idades entre 31 (trinta e um) e 35 (trinta e cinco) anos, e 46 (quarenta e seis) e 50 (cinquenta) anos foi o que apresentou maior destaque.

TABELA 04 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por idade

| Idade | Comunidade |
|----------------|-------------------|
| 18 a 25 | 01 |
| 31 a 35 | 04 |
| 36 a 40 | 01 |
| 41 a 45 | 02 |
| 46 a 50 | 03 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

TABELA 04 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por idade

| Idade | Comunidade |
|----------------|-------------------|
| 51 a 59 | 01 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

Em relação à raça, a grande maioria dos idosos declarou-se de cor parda, relação declarada também pela maioria das pessoas da comunidade entrevistadas, como pode ser visto nas tabelas 05 e 06.

TABELA 05 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por raça

| Raça | Idosos |
|----------------|---------------|
| Branços | 01 |
| Negros | 01 |
| Pardos | 10 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

TABELA 06 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por raça

| Raça | Comunidade |
|----------------|-------------------|
| Branços | 03 |
| Negros | 03 |
| Pardos | 06 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

No que diz respeito à escolaridade, a maior parte dos idosos possui apenas o Ensino Fundamental incompleto, enquanto a comunidade apresentava majoritariamente o Ensino Médio Completo.

TABELA 07 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por escolaridade

| Escolaridade | Idosos |
|------------------------------------|---------------|
| Não alfabetizado | 02 |
| Ens. Fundamental incompleto | 06 |
| Ens. Fundamental completo | 02 |
| Ens. Médio incompleto | 01 |
| Ensino Médio completo | 01 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

TABELA 08 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por escolaridade

| Escolaridade | Comunidade |
|------------------------------------|-------------------|
| Ens. Fundamental incompleto | 04 |
| Ens. Fundamental completo | 01 |
| Ens. Médio incompleto | 02 |
| Ensino Médio completo | 05 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

Em relação à renda, a maioria dos idosos possuía uma renda igual ou inferior à 01 salário mínimo. Sendo que entre os entrevistados da comunidade a maioria preferiu não declarar sua renda, ou referiu receber até um salário mínimo.

TABELA 09 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por renda²⁰

| Renda | Idosos |
|--------------------------------|---------------|
| Até 01 salário mínimo | 05 |
| Até 02 salários mínimos | 03 |
| Até 03 salários mínimos | 00 |
| Até 04 salários mínimos | 00 |

²⁰ Os valores apresentados são referentes ao salário mínimo em janeiro de 2013 (R\$678,00)

TABELA 09 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por renda²¹

| Renda | Idosos |
|--------------------------------|---------------|
| Até 05 salários mínimos | 01 |
| Não informado | 03 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

TABELA 10 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por renda

| Renda | Comunidade |
|--------------------------------|-------------------|
| Até 01 salário mínimo | 04 |
| Até 02 salários mínimos | 01 |
| Até 03 salários mínimos | 03 |
| Até 04 salários mínimos | 01 |
| Não informado | 04 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

Majoritariamente, os idosos que frequentam os bailes de terceira idade da AIC e da AIT que foram entrevistados residem nas cidades de Ceilândia e Taguatinga, enquanto as pessoas da comunidade residem em sua maioria na Ceilândia, como demonstram as tabelas 11 e 12.

TABELA 11 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por cidade em que reside

| Cidade em que reside | Idosos |
|-----------------------------|---------------|
| Ceilândia | 05 |
| Recanto das Emas | 01 |
| Samambaia | 01 |
| Taguatinga | 05 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

²¹ Os valores apresentados são referentes ao salário mínimo em janeiro de 2013 (R\$678,00)

TABELA 12 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por cidade em que reside

| Cidade em que reside | Comunidade |
|----------------------|------------|
| Ceilândia | 07 |
| Riacho Fundo II | 02 |
| Taguatinga | 03 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

Na relação por estado civil, os idosos viúvos representam a maioria. E entre as pessoas da comunidade são os solteiros que se sobressaem.

TABELA 13 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por estado civil

| Estado civil | Idosos |
|--------------|-----------|
| Solteiro | 04 |
| Casado | 01 |
| Divorciado | 01 |
| Viúvo | 06 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

TABELA 14 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por estado civil

| Estado civil | Comunidade |
|---------------|------------|
| Solteiro | 06 |
| Casado | 02 |
| Divorciado | 02 |
| Viúvo | 01 |
| Não informado | 01 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

Na tentativa de apurar a assiduidade em anos daqueles que frequentam o baile, constatou-se que a maioria dos idosos frequenta os bailes entre 11 a 14 anos (06

entrevistados) e entre 07 e 10 anos (05 entrevistados). Entre a comunidade, esse levantamento se mantém entre 11 a 14 anos (04 entrevistados) e 04 a 06 anos (03 entrevistados).

TABELA 15 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por tempo de frequência aos bailes de terceira idade em anos

| Tempo de frequência | Idosos |
|----------------------------|---------------|
| 01 a 03 anos | 01 |
| 07 a 10 anos | 05 |
| 11 a 14 anos | 05 |
| 18 ou mais anos | 01 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

TABELA 16 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por tempo de frequência aos bailes de terceira idade em anos

| Tempo de frequência | Comunidade |
|----------------------------|-------------------|
| 01 a 03 anos | 01 |
| 04 a 06 anos | 03 |
| 07 a 10 anos | 02 |
| 11 a 14 anos | 04 |
| 15 a 17 anos | 01 |
| 18 ou mais anos | 01 |
| Total | 12 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

Os bailes de terceira idade mais frequentados pelos entrevistados entre os idosos foram os da Associação dos Idosos da Ceilândia, Associação dos Idosos de Taguatinga e Nenen's chop (situado no centro de Taguatinga). Na entrevista com a comunidade os bailes da AIC e da AIT foram maioria.

TABELA 17 - Relação de idosos entrevistados na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por bailes de terceira idade que frequenta

| Bailes | Idosos |
|----------------|---------------|
| AIC | 10 |
| AIT | 10 |
| Coliseu | 02 |

| | |
|---------------------------|----|
| Lúcio Costa | 05 |
| Nenen's chop | 10 |
| Núcleo Bandeirante | 04 |
| Tatico | 01 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

TABELA 18 - Relação de pessoas da comunidade entrevistadas na AIC e na AIT em janeiro de 2013 por bailes de terceira idade que frequenta

| Bailes | Comunidade |
|---------------------------|-------------------|
| AIC | 12 |
| AIT | 10 |
| Coliseu | 01 |
| Lúcio Costa | 01 |
| Nenen's chop | 02 |
| Núcleo Bandeirante | 01 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados coletados em janeiro/2013

Sendo assim, infere-se que o perfil dos idosos entrevistados que frequentam os bailes de terceira idade na Associação de Idosos da Ceilândia e na Associação dos idosos de Taguatinga pode ser assim definido: são idosos com idades entre 70 e 80 anos. Declaram-se de cor parda. A maioria possui estudou até o Ensino Fundamental incompleto. Recebe até um salário mínimo mensal, e é aposentado ou pensionista. Reside em Ceilândia ou Taguatinga. São em sua maioria viúvos. Frequentam os bailes há mais de 10 anos, e possuem maior assiduidade aos bailes da AIC, da AIT e do Nenen's chop.

Já o perfil da comunidade entrevistada que frequentam os bailes de terceira idade na Associação de Idosos da Ceilândia e na Associação dos idosos de Taguatinga é o seguinte: tem idades entre 31 e 35 anos. Declaram-se de cor parda. Possuem o Ensino Médio Completo. Recebem até um salário mínimo mensal. Residem em Ceilândia. São solteiros. Frequentam os bailes entre 11 e 14 anos, com maior frequência nos bailes das associações de Ceilândia e Taguatinga.

3.2 Idosos

3.2.1 Percepção da velhice para os idosos

Sobre as categorias desenvolvidas a partir da concepção do que vem a ser a velhice para os entrevistados, foram reveladas as seguintes percepções: 1. Idosos que definem a velhice pela idade cronológica; 2. Idosos que definem velhice como ausência de trabalho; 3. Idosos que definem a velhice como uma fase da vida; 4. Idosos que definem a velhice como imposição social; e outras percepções que estão relacionadas com a aceitação da velhice por meio do tempo livre; e da doença.

“Sou velho porque a idade tá dizendo”

A dificuldade para definir a velhice tem relação estrita com o problema de desenvolver classificações que abarquem toda a complexidade que o fenômeno do envelhecimento possui, como as diferenças biológicas e socioculturais.

Entre os idosos entrevistados, foi majoritária a percepção de velhice relacionada à idade cronológica, pois 5 dos 12 entrevistados relataram que para eles a velhice estava diretamente relacionada à idade em que se estava.

Essa percepção possui forte relação com o que MORAGA (1997) determinou como uma das concepções de velhice, entre as quais definiu a velhice cronológica, a velhice funcional e a velhice como etapa vital.

Este entendimento de velhice cronológica possui relação direta com a temporalidade, com a idade cronológica, que marca os anos e o tempo de vida apenas pela contagem. Sua limitação, no entanto, seria tentar classificar o idoso por meio da computação de anos, da idade, desprezando que a definição de velhice perpassa características que também possuem relação com a cultura, com o meio social, com experiências sociais e individuais, além de aspectos físicos e biológicos que podem se apresentar de maneira diferenciada. Como demonstra o relato a seguir,

“Me considero idosa porque sei que já vivi muitos anos. Mas não idosa por atitude de vida, que diz ‘eu não vou fazer isso porque eu to cansada, porque não me cabe naquele meio ali’ porque no impossível também a gente não vai, só vai no possível, né? E eu acho que ser idosa não é o fim do mundo, é o fim da gente, porque tá chegando... a fruta vai amadurecer até o dia que cai, né? Mas assim, pra dizer ‘eu não quero ser velho, não quero ser vêi’ tem gente que não quer nem que a gente fale que tá velho, mas eu não tenho

disso não. Pode chamar de vó, de tia, de tudo, eu nem ligo". (ES, mulher, 75 anos)

"Ixi, já tem 17 anos que eu sou, né?" (SAP, mulher, 77 anos)

Já a concepção de velhice funcional está relacionada a uma noção do idoso enquanto pessoa inativa dentro dos padrões societários de modelo de produção. Versa sobre sua função social, e sua caracterização limitada pela idade. A falha nesta concepção estaria relacionada a relação construída entre envelhecimento e função social, que vem estigmatizando o idoso por sua aparente "falta" de contribuição social ao deixar o mundo do trabalho e suas relações de modo "ativo", por meio da aposentadoria.

A concepção de velhice como etapa vital, é construída baseada na ideia de que existem certas limitações com a chegada da velhice, mas que essas características apresentam-se simultaneamente com a percepção da velhice como etapa de experiência e maturidade. Essa equiparação entre as situações permitiria ganhos porque as aptidões biológicas diferenciadas poderiam ser compensadas com a diminuição do esforço, e o desenvolvimento de novas aptidões sociais por meio da utilização do tempo livre.

Percebe-se que essa "estratificação por idade" é apenas uma forma de enxergar o envelhecimento e que exclui o idoso de determinadas relações sociais, pois este acaba sendo discriminado por falta de contribuição direta à sociedade, visto como inválido e incapaz, o que reflete diretamente na identidade social e individual do homem idoso na sociedade capitalista. (NERI, 2007)

A falta de acesso a outras concepções de velhice, que não as relacionadas à idade, e que proporcionam uma visão integral sobre a pessoa idosa, ou seja, com todas as suas determinações históricas, culturais, sociais, econômicas e políticas, e não só biológicas ou puramente econômicas, provavelmente contribuiu para essa caracterização limitada de velhice por idade.

Além disso, a reflexão a cerca da idade também sucinta diferentes significados a cerca de quem determina esse padrão etário do envelhecimento, e de como cada um interpreta essa entrada na última fase da vida, partindo de suas relações sociais.

“Quando a gente é novo tem que trabalhar e trabalhar, daí a gente envelhece (...)”

Outra concepção de velhice abordada pelos entrevistados foi a de velhice como ausência de trabalho. Esta percepção foi descrita por 3 dos 12 entrevistados.

O entendimento de velhice como ausência de trabalho implica em duas instâncias: a de maior tempo livre e a de segregação e isolamento dentro da sociedade capitalista em decorrência da não contribuição social por meio do trabalho.

Neri (2007) e Loureiro (2000) trazem o entendimento de que a forma como são construídos os valores, pautados pelas relações que se estabelecem por meio do trabalho, traz a desvalorização do idoso por sua não contribuição material na produção e reprodução dos valores, e gera como resultado a perda e resignificação dos papéis sociais dos mesmos. Este novo papel social fortalece o estigma sobre a velhice, e acaba contribuindo de forma contundente para o isolamento social do idoso.

Esta concepção está de acordo com a perspectiva economicista, de Siqueira *et al* (2002) em que a compreensão do envelhecimento está diretamente relacionada ao momento de transição em que a pessoa se aposenta, ou seja, deixa a esfera produtiva, tornando-se, perante a sociedade, um ser sem valor.

Uma forma de resignificar essa desvalorização é trabalhando junto aos idosos uma outra concepção de velhice, que forneça meios de superar o estigma e propor qualidade de vida e socialização aos idosos.

Assim, por outro lado, é possível que para alguns esse torna-se “inativo” represente maior tempo ocioso, tempo este que será dedicado a atividades que para estas pessoas não poderiam ser feitas concomitantemente ao trabalho, como dedicar-se ao lazer, a cultura, a educação, e a própria socialização dentro da comunidade.

Durante as entrevistas, foi recorrente a referência dos idosos na associação entre velhice e tempo livre, principalmente quando relacionada à aposentadoria, como pode ser percebido por meio do trecho abaixo:

Idoso é a idade em que você tem tempo pra participar de alguma coisa, como viajar. Porque quando é novo você não vai, porque trabalha (SP, homem, 74 anos)

Quando a gente é novo não tem mais tempo pra passear, é só trabalhar e trabalhar... Daí a gente envelhece e pode viajar. É isso. (RCS, homem, 82 anos)

Doll (2007) constrói a ideia de tempo livre na sociedade industrializada como uma concepção que inicialmente, após a Revolução Industrial, perpetuou-se como momento de recuperação das forças, mas que foi, ao longo do século XX, tornando-se fonte constante de mudanças, vista como tempo disponível para lazer e não para obrigações.

A concepção de lazer, fortemente relacionada ao uso do tempo livre, implica a desvinculação de responsabilidades de trabalho, sociais ou de outro tipo, permitindo um período para a vivência da liberdade de expressão e pessoal. (CAMPOS, 2006)

Para o idoso este momento se materializa como a busca pelas práticas não alcançadas durante a vida, que vai se configurar por meio da percepção da ausência das atividades anteriores, que serão substituídas por outras, na tentativa de estabelecer novas relações sociais, ou por uma incapacidade de vincular-se a sociedade, não por uma questão individual, simplesmente, mas por uma questão de despreparo para as experiências dessa nova etapa da vida. (Lápiz, 2003 *apud* Campos, 2006)

Doll (2007) ressalta que esta dificuldade (de ressignificações das relações sociais com a comunidade) se deve principalmente às configurações da sociedade atual, uma vez que o idoso não sente que seu valor seja reconhecido se este munir-se apenas de atividades de lazer.

São colocadas três situações que dificultam a adesão dos idosos a atividades de lazer nos momentos livres, em detrimento daquelas vinculadas com sua experiência profissional: 1 – falta de oferta da sociedade/estado de espaços destinados aos idosos; 2 – impedimentos relacionados a dificuldades de saúde e limitações físicas; 3 – conflitos internos dos idosos no que tange envolver-se em atividades tipicamente “jovens”. (DOLL, 2007)

O lazer depende de escolaridade, cultura, educação, tempo livre e condição financeira. Posto isto, tem-se como um dos maiores impedimentos para a realização de atividades de lazer as condições de saúde e a renda familiar, mas também a acessibilidade, o conhecimento sobre as diversas formas de lazer voltadas para o idoso e as concepções da sociedade sobre o idoso que prática alguma forma de lazer que fuja do estereótipo de velhice.

“Pra mim seria só uma parte da vida, uma fase”

Dentro do processo de envelhecimento humano existem diversas fases que são caracterizadas por diferentes estágios de desenvolvimento do indivíduo. Infância, adolescência, fase adulta e velhice são as divisões do ciclo de vida do ser humano que são

mais utilizadas e, seguindo este pensamento, a velhice seria apenas uma fase dentro do envelhecimento, se configurando como a última delas. (NERI, 2005)

O entendimento da velhice como uma fase, foi relatado por 2 dos 12 entrevistados. A repercussão social e individual de delimitar esta fase como a última traz, assim como nas outras fases, desdobramentos próprios, tais como mudanças psicológicas, biológicas e sociais (BEAUVOIR, 1990).

Essas mudanças ocorrem de forma diferenciada para cada pessoa, mas sofrem impacto direto da cultura, e do contexto socio-histórico. Fato interessante é que nem sempre esta fase é vista de forma negativa, como mostram os relatos a seguir

É uma fase da vida. Geralmente a gente tenta ser feliz, é bom. (RH, mulher, 77 anos)

Pra mim séria só uma parte da vida, uma fase, mas pros outros é doença mesmo, né? (FP, homem, 71 anos)

A concepção de fase da vida pode contribuir positivamente para sua percepção, pois percebendo que mudanças ocorrem para todos a cada etapa da vida, as mudanças ocorridas para o idoso, na esfera social, biológica ou física que forem geradas pelo envelhecimento, serão interpretadas de maneira diferente. E é possível que o idoso passe a desvincular o aspecto negativo sobre este processo.

“Eu me considero idosa porque todo mundo diz que eu sou”

A concepção de velhice por meio da imposição social, ou seja, do reconhecimento e da aceitação desta fase do envelhecimento a partir das relações sociais, na família, com os amigos, ou em outros espaços sociais, foi considerada por 02 dos 12 entrevistados.

O processo de aceitação da pessoa em relação a vivência da velhice, refere a estigmatização do homem velho, uma crise de identidade motivada pela decadente visão capitalista, em que o homem só se reconhece como velho quando o outro assim o enxerga. (Loureiro, 2000)

Essa visão foi pode ser percebida nos depoimentos a seguir, dados acerca da percepção de velhice

Eu me considero idosa porque eu sou, porque todo mundo diz que eu sou. Agora eu não pago passagem, a idade tá chegando, não vou falar que sou novinha não. As pessoas me chamam pra não ficar na fila, porque sou idosa, me chamam de coroa, aí não tem jeito. Eu sou idosa. (ML, mulher, 66 anos)

Eu me considero idosa, porque eu sou assim mesmo. Gosto, participo de muita coisa pro idoso. Não vejo diferença, só as ruguinhas (RH, mulher, 77 anos)

Na sociedade moderna, o papel social possui grande importância, e a transição que ocorre com a entrada na velhice, que transforma várias relações, acaba por delimitar também quais as ações previstas para os determinados grupos, neste caso, o grupo etário das pessoas idosas.

Aceitar-se como velho constitui-se, para a maioria das pessoas, aceitar-se como alguém a beira da morte, que não pode mais realizar tantas atividades, tomar todas as decisões, que possui muitos limites físicos e biológicos, segundo o estigma que muito lentamente vem sendo desconstruído (NERI, 2003). Além disso, continuar a realizar as atividades de lazer que antes eram frequentadas pode se apresentar como um dilema, uma vez que a opinião social passa a ser fundamental para determinar as ações.

Para Beauvoir (1990) a imagem socialmente construída da velhice, repleta de estereótipos, é o que faz com que as pessoas não se enxerguem enquanto velhas, cabendo aos outros revelar-lhes este fato. Ainda que não seja um fato aceito de imediato, a velhice acaba sendo aceita nem sempre porque assim as pessoas se sentem ou se veem, mas porque acaba refletindo a imagem que os outros tem do velho, e que acaba sendo representada de fato.

Dessa forma, quando se aceitam enquanto velhos os idosos acabam por representar os papéis sociais a eles designados, e se submetem, em geral, aos passeios típicos da idade e às relações esperadas.

Outras concepções

Outras concepções que também foram abordadas dizem respeito a caracterização da velhice como doença e pela fisionomia;

Estas duas perspectivas, bastante concernentes à perspectiva biológico/comportamentalista (SIQUEIRA et al, 2002) dizem respeito principalmente às

mudanças físicas e biológicas da velhice, que não se apresentam sempre sob a mesma forma, uma vez que são diferentes para cada organismo.

Alguns relatos dos entrevistados corroboram essa visão:

Eu continuo vivendo e até hoje não achei diferença, só achei diferença por causa da, como se diz? Fisionomia. Aquele negócio que a gente vai acabando, vai chegando ruga, vai chegando coisa de velhice mesmo. Mas sobre a disposição até hoje eu não achei diferença. (ES, mulher, 75 anos)

Ah, velhice muda tudo né? O corpo, a vida. Antes você tinha força, tinha vitalidade, e queria fazer várias coisas, mas não tinha tempo, porque trabalhava, cuidava da família. Agora você tem tempo, mas força você não tem. Só vive hospitalizado, medindo a pressão, doente mesmo. Aí não tem como. (ML, mulher, 66 anos)

Por fim, a ideia de velhice que melhor parece abarcar toda a complexidade do envelhecer é aquela que compreende a integralidade do ser que está inserido numa cultura, em um dado período sócio-histórico, num espaço cheio de contradições, e que, por se tratar de um fenômeno social e natural do homem, possui implicações objetivas e subjetivas. (BEAUVOIR, 1990; SIQUEIRA, 2002)

3.2.2 Percepção dos Idosos sobre os espaços de baile

Segundo pesquisa realizada pela fundação Perseu Abramo e o SESC (Serviço Social do Comércio) de São Paulo, ir a bailes e dançar corresponde a uma das dez atividades mais praticadas pelos idosos (NERI et al, 2007)

O entendimento da socialização por meio dos bailes de terceira idade se faz necessário por permitir que o envelhecimento se dê de forma natural e ativa, conectando-se á ideia de “envelhecimento bem-sucedido” que seria um processo de envelhecimento que permite continuar realizando atividades, mantendo uma saúde física, biológica e psíquica, de modo a poder continuar incluído nas relações sociais, podendo optar por atividades que lhe permitam minimizar os efeitos que o envelhecimento possa trazer. (DOLL, 2006)

Neste sentido, compreender os espaços de bailes como uma forma de desenvolver uma atividade que proporciona a inserção social e, concomitantemente, como atividade de lazer e física, possibilita qualidade de vida e traz ganhos que além de pessoais também trazem benefícios sociais ao desenvolverem a convivência comunitária.

Ainda que possua muitos benefícios, Siqueira (2006) coloca a discussão de que alcançar e desenvolver essas atividades na velhice não deveria ser um privilégio, mas antes um direito. Neste sentido, a ausência do Estado em garantir o direito a cultura, ao lazer, a educação e ao esporte, ofertando nas comunidades pouquíssimos espaços de lazer e convivência, que quando existentes, são gerados pelas organizações da sociedade civil, dificulta o acesso dos idosos a esses direitos, isso quando eles tomam conhecimento do mesmo.

Destarte, a percepção dos idosos sobre os espaços de bailes foi categorizada da seguinte forma: 1. Espaços de convivência e socialização; 2. Espaços para dançar;

“São espaços bons, que permitem coisas diferentes, conhecer gente nova, conversar, conviver mesmo, né?”

Segundo o Estatuto do Idoso²² é responsabilidade compartilhada por quatro instâncias, a saber: família, comunidade, sociedade e Poder Público, assegurar ao idoso o direito à vida, à saúde, à alimentação, ao lazer, à cultura, à cidadania, ao respeito e à convivência familiar e comunitária, entre outros direitos.

O artigo 3º, inciso IV, dispõem ainda sobre as formas como a convivência familiar e comunitária devem ser garantidas, proporcionando ações e possibilidades diferenciadas para que o idoso participe e conviva com outros idosos e outras gerações.

A importância da convivência comunitária e da socialização quando na definição dos espaços de bailes, apresentou-se como a de maior incidência entre os entrevistados, aparecendo em 8 das 12 entrevistas.

Essa percepção pode ser corroborada pelos relatos a seguir:

“São espaços excelentes, que permitem a troca de experiências, de conhecimentos, esse tipo de coisa”. (MSR, mulher, 66 anos)

“São espaços pra todo mundo. É importante todo mundo se misturar, ficar tudo normal. Até pra evitar a solidão, né?” (JR, homem, 64 anos)

“São esses espaços assim, que você pode conhecer mais gente. E também, nós temos nossa comunidade, onde a gente se reúne toda segunda-feira, pra rezar o senáculo. Quando uma de nós tá de aniversário a gente se reúne, é muito bom”. (ZLF, mulher, 62 anos)

²² Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003

Essa interação por meio da convivência comunitária e da socialização se estabelece, na fase da velhice, principalmente para desencadear formas diferenciadas de estabelecer relações, que em fases anteriores da vida provavelmente não tinham o mesmo valor.

Em geral, as motivações para que os idosos procurem um grupo para se inserirem, giram em torno da necessidade de estabelecer relações, conhecendo pessoas novas e criando laços entre elas. (Almeida, 1998 *apud* Gomes, 2009)

Assim, estabelecer esses vínculos nos grupos para idosos traz alguns ganhos, tais como: novas experiências; percepção diferenciada da velhice; e possibilidade de assumir diferentes responsabilidades e papéis sociais, haja vista que o maior problema enfrentado por este grupo tem relação com a diminuição das relações sociais. (Angelica, 2000 *apud* Gomes, 2009)

A importância dessa visão dos espaços de bailes como importantes nas relações sociais dos idosos justamente por proporcionarem contato e o fortalecimento do papel social do idoso enquanto pessoa experiente e que possui também muito a contribuir, pode ser vista na seguinte fala: *“Porque se a gente não puder falar, com a comunidade, com a família, com os amigos, a gente não é nada. Não é mulher, não é vó, não é nada”*. (MI, mulher, 67 anos)

Destarte, compreende-se que os bailes para idosos possuem papel fundamental no que tange a convivência comunitária e familiar, e que agregam valores à vida da pessoa idosa ao permitir que se pense na velhice de maneira diferenciada, além de possibilitar também que o idoso aprenda novas ações, e perceba coisas distintas sobre a realidade em que está inserido.

É possível também que, ao inserir-se em um grupo cuja função principal é a dança e a socialização, o idoso desenvolva e trabalhe outras áreas da vida, percebendo as novas necessidades e demandas pessoais e de seu grupo, e procurando formas de atendê-las seja na esfera pessoal, quando assim for, ou na esfera social, quando assim essa demanda for caracterizada.

O importante é compreender que esse espaço dos bailes de terceira idade pode ser propício à mobilização social, a disseminação dos direitos, e à compreensão do ser de forma integral na fase da velhice.

“São espaços para dançar”

A dança, por ser um instrumento de socialização nesses espaços, faz também um trabalho de facilitador das relações, pois abre espaço para os diálogos e para as atividades de

lazer, e favorece a inserção dos idosos por meio de uma atividade prazerosa em um ambiente que inicialmente é preparado para atender às necessidades desse grupo social.

Alves (2004) constrói a ideia de que a dança de salão, entre os estilos está o forró, está intimamente ligada a duas esferas: a do corpo do passado e a do corpo do presente. A do passado representa a noção do corpo que se tinha e se mostrava por meio da dança, e a do presente perpassa a noção do corpo que mesmo diferente, com todas as mudanças biológicas e físicas ocorridas, ainda é capaz de produzir uma percepção mais vivaz acerca das habilidades e dos prazeres da dança.

A importância da dança e da percepção sobre o corpo nos espaços de bailes também está relacionada a questão da visibilidade social. Visibilidade essa que é trabalhada na medida em que se estabelecem padrões de atividades que os idosos podem aprender ou desenvolver melhor, e que trazem outros ganhos para eles (Brod, 2004) ganhos representados pelo lazer, pelas possibilidades de mudança por meio da dança nos bailes, como pode ser visto no relato a seguir sobre os bailes: “São espaços pra dançar, conversar, esfriar a cabeça” (R, mulher, 55 anos);

Outro exemplo sobre os benefícios individuais do baile está relacionado à noção de não ficar isolado, parado, mas pelo contrário, manter-se ativo por meio das diversas atividades

As pessoas que não fazem nada, quando vem ‘prum’ baile dançar, por exemplo, e estão com dor, tudo passa. Em casa é só da cama pro sofá, da cama pro sofá. Aqui é diferente. (ML, mulher, 66 anos)

É muito importante, porque aqui você faz muita amizade. Pelo menos nós temos tantos amigos aqui... temos até um rapaz que diz que é filho nosso, gente boa demais, a gente é pai e mãe pra ele. Ave Maria, minha filha, é bom demais! Até o meu crochê, em casa, eu não faço mais. Não faço mesmo, agora é só no forró: um dia num, outro dia noutro, outro dia noutro. Então, pro idoso é bom demais. (ZLF, mulher, 72 anos)

O espaço dos bailes e a dança também aparecem associados a liberdade de expressão e à autonomia e valorização do idoso. De maneira particular, elas afirmaram que os bailes eram seu momento de liberdade desde que os maridos haviam falecido.

Minha filha, olhe, eu sempre gostei de dançar. Quando eu era jovem eu adorava dançar, aí eu casei. Passei 46 (quarenta e seis) anos lutando com o marido. Quando eu me libertei, eu digo ‘agora chegou minha vez, agora eu vou dançar’. Aí, pronto, to dançando até agora. (ZLF, mulher, 72 anos)

Sobre isso Simone de Beauvoir (1970) escreveu:

A idade final representa uma libertação, particularmente para as mulheres: tendo passado a vida toda submissas ao marido e dedicadas aos filhos, elas têm finalmente a oportunidade de cuidar de si mesmas. (Beauvoir, 1970, p. 241)

Assim, a velhice apresenta-se como um momento de transformações subjetivas e objetivas, em que, distante das responsabilidades da sociedade no que diz respeito ao compromisso com a instituição do casamento, e aos costumes e normas culturais e sociais, abre-se a possibilidade de se ater a antigas vontades e prazeres, como por exemplo, a dança.

3.2.3 Percepção dos idosos sobre os espaços dos bailes e sua relação com a comunidade

A percepção dos espaços de bailes como espaços de interação social entre as diferentes gerações apresentou dois posicionamentos diferenciados: 1. Idosos que aprovam a relação intergeracional nos bailes de terceira idade; 2. Idosos que preferem que os bailes de terceira idade sejam fechados apenas para os idosos.

“Quando eu saio eu danço mesmo é com jovem, com velho, todo mundo”

A socialização e a convivência entre as diferentes gerações dentro dos bailes foi percebida como um fator positivo por 10 dos 12 entrevistados.

Dentro do grupo estudado, essa percepção demonstra uma disposição para novas relações, uma abertura que também representa troca de experiências, respeito às diferenças no que se refere à idade; abertura em conviver com diferentes gerações e apreender algo desta relação.

Neri (2007) confere à ausência destas convivências o isolamento social do idoso, bem como um processo de desvalorização e inferiorização da pessoa idosa. Ao fazer o processo inverso, a possibilidade de conviver com outras gerações não apenas contribui para a transmissão de conhecimento, mas possibilita a valorização e a naturalização do processo de envelhecimento na fase da velhice diante da comunidade, da família, dos amigos e outros.

Os trechos a seguir ilustram as relações entre idosos e comunidade que exprimem experiências positivas que ocorrem nos bailes de terceira idade:

Sempre tem jovens também, né? Não são só os idosos. Pelo menos eu conheço vários lugares em que a gerente desses lugares é jovem. Só aqui na Ceilândia mesmo que tem uma gerente mais velha, mas nos outros lugares é mais jovem. Na Maria José mesmo, lá no Gama, é mais gente jovem, mas também tem muita gente de idade. A importância dessa convivência é a gente rever os amigos... a gente aprende com os idosos também, coisas que a gente não sabe. Aprende mais a conviver com os idosos, tem uns lá bem carentes, a gente quer ajudar, né? Tem uma velhinha mesmo em Taguatinga Sul, que eu saí daqui e vou lá pra casa dela, e ela fica tão feliz. E é fazendo assim, é a convivência, sabe? E olha, graças a Deus até o momento eu não tenho nada que falar de jovem. Tem gente que fala assim 'eu não vou em tal lugar porque lá só tem jovem', mas eu não sou assim não. Todos me respeitam, me tratam bem, e eu gosto, trato eles bem também... não tem nada que eu reclame. Quando eu saí eu danço mesmo é com jovem, com velho, todo mundo. Uma vez, aqui nessa quadrilha da Ceilândia, um jovem, que mora lá em Taguatinga Sul, ele me chamou pra dançar. Daí ele disse: 'Eita, diacho. Hoje eu vou dançar até a senhora pedir pra ir embora do baile, e eu danço é rápido'. E aí, depois, eu que cansei ele. Eu acho essa convivência importante. Acho que a gente aprende com eles também, acho importante. (ES, mulher, 74 anos)

Todo mundo fica mais sabido. De primeiro ninguém ensinava nada, e hoje a sabedoria tá aí, compartilhada. (MI, mulher, 67 anos)

É bom. Tem até no baile. E é bom porque o velho respeita o novo e o novo respeita o velho. Só é bom assim. (SP, homem, 74 anos)

Não me importo não. Todo mundo já foi novo e todo mundo já foi velho. A gente convive porque é natural. Não tem nada demais. (JR, homem, 64 anos)

Outra observação que pode ser feita a respeito desses dados, refere que há ainda um contraste forte entre juventude e velhice. Além disso, esta visão, evidenciada nas imagens da mídia e colocações modernas em relação ao corpo e a várias determinações sociais sobre padrões de comportamentos, perpetua uma dualidade de momentos na vida (Almeida, 2003), mas que pode ser desconstruída nas esferas da vida social frequentadas cotidianamente, como os bailes, ao se deparar com a importância da convivência comunitária e da socialização nesses e em outros espaços. Ação que para ocorrer precisa, certamente, de uma força conjunta da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público para garantir uma re-significação do que é ser velho e conviver com as demais gerações, construindo locais que sejam abertos e proporcionem isto.

“Os mais velhos ficam melhor com os idosos”

Apesar da concepção de que vários benefícios são alcançados com as relações intergeracionais, para alguns idosos a visão da velhice estigmatizada, repleta de preconceitos, persiste até mesmo em um local que está aberto a uma nova percepção sobre o envelhecimento, como os espaços de bailes de terceira idade. Esta percepção pode ser observada nos relatos abaixo:

Com a comunidade? Bem, os mais velhos ficam melhor com os idosos porque já estão envelhecendo. Os jovens passam por cima dos idosos. Os bailes mesmo podiam ser separados dos jovens, porque às vezes eles não respeitam. (SP, homem, 71 anos)

É bom. Vir pra cá, conversar mais... Mas eu não dou muita confiança não. Há uns nos atrás eu vinha pra cá e sempre fazia muitas amigas. Daí uma delas pediu pra ir na minha casa e eu deixei. Pediu pra dormir, e eu deixei. Essa mulher me roubou tudo o que tinha. Roubou minha casa. Então eu não quero amizade. Venho aqui, converso, danço, mas não sai daqui. Até os jovens são assim, não namoro porque nenhum pergunta se você tá bem, só se você tem dinheiro, com quem você mora. Aí é difícil criar laços, né? (ML, mulher, 66 anos)

Mais uma vez, Neri (2007) e Alves (2004) constroem a ideia de que os preconceitos em relação a velhice são socialmente construídos e, portanto, é nas relações sociais que pode ser desmistificados, sempre procurando levar essa desconstrução para os mais diversos espaços da vida social, nas escolas, nos clubes, nas comunidades.

Desconstruir esta percepção negativa da velhice para os idosos e para os jovens, assim como socializar a noção de espaços que sejam de fato bem preparados para responder às demandas dos idosos, é fundamental para permitir uma conduta pautada no respeito e na compreensão do outro.

Como Rodrigues e Soares (2006) destacam, quando os idosos se comunicam e conseguem que os outros os escutem, não só se transformam como desmistificam os preconceitos acerca de si mesmos, possibilitando o rebuscamento de sua cidadania e a revalorização de seu papel nas relações com a comunidade e com sua família.

3.3 Comunidade

Os dados analisados abaixo referem-se às 12 entrevistas realizadas com a comunidade²³ e que tem a intenção de compreender se os espaços de bailes proporcionam a socialização ou, ao contrário, acabam segregando os idosos de sua comunidade.

A percepção do que a comunidade compreende como velhice, sobre os espaços de bailes, e sobre sua função de proporcionar socialização são dados que serão abordados.

3.3.1 Percepção da velhice para a comunidade

As concepções de velhice para a comunidade estão divididas em três categorias: 1. Velhice como fase de possibilidade de mudança; 2. Velhice associada à doença.

“Quando vai passando a idade vai mudando é tudo”

A velhice foi encarada como uma fase de mudanças na vida da pessoa por 06 dos 12 entrevistados da comunidade.

Perceber a velhice como uma fase de mudanças, de transformação, é perceber também que diversas influências estão compiladas para atribuir significado a velhice.

Além disso, Beauvoir (1970) traz uma percepção bastante atual da concepção de velhice como mudança e transformação constante:

A velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, que é envelhecer? Esta ideia se acha ligada à de transformação. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, constitui uma incessante transformação. Seremos levados a concluir, como o fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? Certamente não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. (BEAUVOIR, 1970, p.)

Dessa forma, a mudança e a transformação não seriam características específicas de um único momento da vida, mas antes, um fator comum e constante em cada um deles, desde o nascimento até a morte.

Sobre essas mudanças, temos os seguintes relatos:

²³ Compreendida como as pessoas que frequentam os bailes de terceira idade e que possuem entre 18 e 59 anos.

Na verdade quando vai passando a idade vai mudando é tudo, não é por causa da idade que a pessoa é velha. A velhice tá é na cabeça da pessoa... não é por causa da idade. A gente tá ganhando é experiência (C, mulher, 50 anos)

Ah, agora você me pegou. Muda muita coisa. A gente sabe que o idoso ele é mais fraco, né? O idoso ele não pode correr, não pode se esforçar. A brincadeira dele é essa aí ó: dança devagarinho, anda um pouco, tem uns que nem dança, né? Mas tá animado. A pessoa quando ela fica idosa, a solidão pega ela. (...) Então aqui é bom, pra eles... Aí! Tem velhinha mais feliz que essa aqui? (apontando pra uma senhora que se aproxima dançando sozinha). Tem pessoas que batem, que machucam, eles, depois de certa idade são igual uma criança. E ainda tem gente que maltrata, que bate neles. Esse tipo de gente me revolta, viu? Eu também vou ficar idoso, eu ainda tenho um pai que é idoso. Pra que fazer isso? Do mesmo jeito que eu não quero pra mim eu não quero pros outros. Idoso vira criança depois de certa idade, sabia? (JR, homem, 36 anos)

Por outro lado, a mudança, por si só, nem sempre é vista como um aspecto positivo. A mudança pode representar uma dificuldade de acompanhar as compreensões estabelecidas na atualidade, o que acaba segregando e isolando os idosos em suas relações, ainda que estes tenham experiência e conhecimentos distintos para compartilhar com sua comunidade. (RODRIGUES e SOARES, 2006)

Ainda sim, a percepção da mudança como algo natural parece ser preponderante sobre a visão negativista, e acaba por desempenhar um papel de resgate do valor do idoso enquanto sujeito de direitos, ao promover a desmistificação desta fase e a descoberta de novas necessidades, que certamente necessitam de uma resposta da família, da sociedade e do Poder Público.

“Velhice me lembra muito doença”

A outra concepção de velhice mais reportada diz respeito a velhice associada a doença. Dos 12 entrevistados, 04 disseram compreender a velhice desta forma.

Loureiro (2000) trabalha essa perspectiva colocando a questão da preocupação, dentro da sociedade ocidental capitalista, da visão de velhice enquanto um problema, relacionado amplamente à saúde, e amplamente debatido pelas ciências exatas como um aspecto pejorativo, relacionado a doenças.

Para Rodrigues e Soares (2006), costumam ser atribuídas as características da pior fase da velhice para defini-la, dessa forma, são as limitações e as dependências que mais se destacam, dificultando uma visão das possibilidades e dos direitos do idoso nas suas relações com o mundo.

As seguintes falas corroboram este pensamento:

Ah, velhice me lembra muito doença, né? A palavra em si é meio triste. É dor, as pessoas sofrem, sei lá. A gente estuda, trabalha, pra poder usufruir de umas coisas no futuro, e no final, fica assustado até com o telefone tocando, com gente te maltratando, te desrespeitando... (BC, mulher, 35 anos)

Ser idoso é precisar de cuidados, é precisar de alguém do seu lado sempre, pra conversar, ouvir, esse tipo de coisa... (C, mulher, 34 anos)

Bom, muita gente associa com doença, mas acho que a idade pode ser alcançada com força, com saúde. É só se cuidar (RT, homem, 33 anos)

Além disso, esta visão tem sido superada por uma visão integral do idoso (NERI, 2003) e do processo de envelhecimento, que tenta superar a visão que reduz a velhice a uma fase com mudanças basicamente biológicas e físicas.

3.3.2 Percepção da comunidade acerca dos espaços de baile

Sobre a percepção dos jovens e adultos da comunidade sobre os espaços de bailes, duas categorias se destacaram: 1. Espaços de bailes como espaços destinados para os idosos; 2. Espaços de bailes como espaços de convivência e socialização

“São espaços seguros pros idosos conviverem”

No contexto do envelhecimento na sociedade moderna, os espaços destinados aos idosos, onde é possível que este grupo social se aceite e perceba não só os limites, mas as possibilidades de sua fase da vida atual, tem trazido uma percepção diferente sobre os espaços em que podem exercer esse tipo de liberdade, mas também veem ajudando a definir o envelhecimento moderno

(...) o envelhecimento moderno é o que pensa essa fase da vida a partir de uma nova perspectiva, vinculada a ações positivas como participar, questionar, mudar e evoluir, onde o idoso ocupa uma posição ativa dentro do seu processo de envelhecimento, tornando-se responsável pelo seu estilo de vida. Diz respeito também à aceitação das limitações sob o aspecto biológico, no vislumbamento da possibilidade de busca de novas alternativas e adaptação às perdas; a busca de novas práticas visando o autodesenvolvimento e a auto-realização e a busca também de novos espaços onde houver possibilidades de expressão. (RODRIGUES e SOARES, 2006, p. 09)

Os espaços de bailes seriam esses ambientes repletos de novas possibilidades de expressão e, quando destinados aos idosos e a comunidade, teriam a função de proporcionar acolhimento, segurança e socialização:

Esse espaço aqui é um espaço que criaram mesmo pro idoso. É, como se diz, uma segunda casa. Tem lanche, tem amigos... é um avanço pra comunidade. Você vê quando a pessoa vem aqui, e acaba voltando, as pessoas geralmente gostam muito. (JM, homem, 42 anos)

É muito importante! Ave Maria, vale muito! Pra evitar a solidão, pra eles não se sentirem rejeitados... pra você ver, aqui eles tem o espaço deles. Aqui eles tão em casa, aqui todo mundo trata bem, não tem briga. Aqui não tem discussão (...) Pra você ver, quando vai em boate tem briga, tem discussão, aqui pra eles é ótimo! E tinha que ter mais espaços assim pra eles, sabia? Porque a que tinha ali na quadra norte fecharam, aí só tem essa aqui na Ceilândia... no Paradão e no Núcleo Bandeirante tem também. Num posto de combustível de Taguatinga é tudo misturado, no forró, só que quando eu chamo as idosas pra dançar, por exemplo, ela não vai por vergonha ou discriminação, pensa que você tá gozando da cara dela, sei lá. Aí elas não dançam. E eu pergunto 'Porque a senhora não vai dançar comigo?' e elas respondem 'Porque você é muito novo' e eu digo 'Oxi! Não tem nada a ver. A gente tá aqui pra brincar, pra se divertir, não é pra namorar não'. (JR, homem, 36 anos)

Neste sentido, 07 dos 12 entrevistados relataram que em geral estes espaços de bailes eram como uma “segunda casa” para os idosos. Espaços pensados e preparados para este grupo, capazes de proporcionar socialização, lazer e diversão aos idosos.

“São espaços pra dançar, conversar, se divertir”

Dos 12 entrevistados, 05 se referiram aos espaços de baile como espaços de convivência e socialização para o idoso de forma direta, enquanto os outros 07 também fizeram alusão a esta característica, ainda que de forma indireta.

Na opinião dos entrevistados a reunião de pessoas, o manter-se ativo na velhice e a socialização configuram-se como momentos importantíssimos na mudança de percepção da velhice:

Os bailes servem pra diversão, porque a dança ela permite o encontro das pessoas, permite que o idoso não fique só em casa, parado, assistindo televisão. O idoso pode trazer a família, arranjar um companheiro. Os bailes também servem pra fazer amizade (RS, homem, 45 anos)

Destarte, Brod (2004) expõe a importância dos espaços de bailes de terceira idade como momentos ímpares para a convivência e a socialização, uma vez que são preferidos pelos idosos, e representam espaços onde a convivência possui uma tendência menor de sofrer retaliações sociais pela idade de seus participantes, tão diversa quanto é.

Por outro lado, os espaços de bailes permitem a socialização por meio da dança, e corroboram diferentes visões sobre os idosos, como pessoas ativas.

3.3.3 Percepção da comunidade sobre os espaços dos bailes e sua função de proporcionar socialização

Como dito no tópico anterior, a grande maioria dos entrevistados da comunidade percebeu os bailes como espaços destinados ao idoso e sua socialização com a comunidade.

No que tange a relação dos espaços de bailes de terceira idade e sua função de proporcionar a socialização com a comunidade, estes espaços demonstram grande abertura para diversas atividades que se propõe a este papel social.

Alves (2004) trata dos bailes como espaços de sociabilidade, onde está se estabelece por meio de relações lúdicas, tais como a dança.

As relações sociais dos bailes, quando da interação intergeracional, permitem, por meio da dança, do dominó, das conversas informais, dos encontros nas entradas dos bailes, não apenas a diversão e o lazer, mas as trocas de experiência e conhecimento, que visam indiretamente diminuir o preconceito e a discriminação à pessoa idosa por meio da frequência e convivência nesses espaços de bailes:

Agora você me pegou. Pra mim é bom ter os jovens, né? Agora pra eles era melhor que tivesse mais idosos. Antigamente aqui só podia entrar idoso, jovem não entrava. Mas aí, a condição do governo, o dinheiro pra manter a casa, pagar esses cantores tudo, daí conta todo mundo. Porque antigamente o governo bancava, mas hoje... daí tem que arrumar renda. Ninguém faz nada de graça, né? Mesmo pelos idosos. (JR, homem, 36 anos)

As relações que se estabelecem não são apenas de amizade, mas de atenção, de ser escutado, de ter voz, de estabelecer diferentes percepções sobre aquilo que não é questionado, como a capacidade de tomar decisões. Daí a importância da troca entre as gerações nestes espaços, para permitir que se misturem e se permitam novas experiências.

3.4 Balanço da análise da relação idosos e comunidades nos bailes de terceira idade e outros apontamentos

A partir dos dados obtidos na pesquisa tem-se a ideia do que o universo pesquisado, composto por membros da comunidade e idosos, que costumam frequentar os bailes de terceira idade das associações de Ceilândia e de Taguatinga dos idosos, concebeu como velhice; e também a concepção de como os espaços de bailes de terceira idade proporcionam convivência comunitária e socialização com a comunidade por meio da dança.

No que diz respeito ao entendimento de velhice, para os idosos as percepções giravam em torno da concepção de velhice pela idade cronológica; pela ausência de trabalho (aposentadoria); como uma fase da vida; e como uma imposição social.

Certamente, essas percepções estão ligadas a uma vivência do envelhecimento em sua fase mais avançada, principalmente no que tange as percepções da ausência de trabalho e da imposição social. Isso se daria em decorrência da dificuldade de se enxergar como idoso e de vivenciar novas formas de relações que não eram esperadas de forma tão profunda e impactante (BEAUVOIR, 1970) Talvez por isso essas duas concepções tenham deixado de aparecer quando a percepção da comunidade, que não tinha essa vivência.

Em consonância com a percepção dos idosos, a comunidade assinalou como velhice percepções ligadas a possibilidade de mudança e a velhice associada à doença, ressaltando uma perceptiva biológica.

A velhice como uma fase da vida, dentro do processo de envelhecimento, foi uma característica afirmada pelos dois grupos, o que, de certa forma, acentua a sua determinação como uma fase de mudanças e de transformação, ainda que em nenhum momento os grupos especifiquem todas as mudanças que podem ocorrer. Ainda sim, é de conhecimento que essas mudanças ocorrem nas esferas sociais, culturais, econômicas, históricas e biológicas/físicas. (NERI, 2003)

Uma caracterização que persistiu tanto nos relatos dos idosos quanto das comunidades foi a questão de entender a velhice associada às doenças. Esta é uma visão negativista e estigmatizada, que vem sendo rompida aos poucos com o avanço das discussões do envelhecimento por outras áreas do conhecimento, tal como a das Ciências Humanas e Sociais. (LOUREIRO, 2000)

Acerca da percepção dos espaços de bailes, a diferenciação entre idosos e comunidade ficou na definição dos bailes como espaços para dançar na opinião dos idosos, e como espaços destinados para os idosos na opinião da comunidade.

O que se percebe é que os idosos tenderam a concentrar-se naquilo que os espaços podiam lhes proporcionar. Como a atividade principal dos bailes, que norteia as outras relações que nele se estabelecem é a dança (ALVES, 2004), para eles esta é a definição desses espaços; enquanto que para a comunidade, que enxerga esses espaços como lugares destinados aos idosos, por serem espaços que prioritariamente atendem a este grupo, a tendência é defini-los por seu público alvo majoritário.

Em comum, tanto idosos quanto comunidade possuem a caracterização dos bailes como espaços de convivência e socialização. Esta definição certamente se estende por compreender que todas as relações (dança, amizade, jogos, relacionamentos, conversas informais, etc) são instrumentos de socialização dentro dos bailes.

De maneira geral, foi majoritária a preferência dos bailes como espaços em que a convivência entre as diferentes gerações é bem aceita, percebida como troca de experiências e de aprendizado entre os diferentes grupos entrevistados.

Poucas foram as pessoas que relataram preferir espaços destinados exclusivamente aos idosos, e quando o fizeram suas principais motivações foram: se sentir isolados nos bailes quando há presença de pessoas mais jovens; preferir dançar com os idosos por conta de limitações físicas.

Sobre a função dos bailes de proporcionar socialização, a comunidade acredita que seja um fato recorrente nos bailes, em decorrência da convivência que ocorre, e salientou ainda que a diversão e a troca de vivências são os grandes ganhos desta socialização.

Sobre outros apontamentos, a questão da importância da aceitação do núcleo familiar à nova fase do idoso, ativo e participativo, apresentou-se como uma questão de grande valor, que interfere, mas não determina sua visão acerca dos espaços de bailes e do que eles proporcionam para os idosos.

E, por fim, convém ressaltar que nos dados das entrevistas surgiram sugestões/demandas apresentadas pelos próprios idosos entrevistados, relacionadas à saúde pública, frequentemente referida ainda que não seja o escopo desta pesquisa, e à demanda por mais espaços de bailes de terceira idade, por serem espaços de socialização e convivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o mundo tem passado por um momento histórico e social diferenciado de todos os outros, em decorrência dos avanços nas áreas sociais, econômicas e científicas. Esse momento, caracterizado pelas altas expectativas de vida e o envelhecimento populacional crescente, tem demandado ações do Estado e da sociedade diferenciadas que permitam à população idosa se inserir socialmente e viver com qualidade de vida, além de ter despertado um debate sobre o envelhecimento e suas repercussões no campo das Ciências Humanas e Sociais.

Dessa forma, partindo da pergunta de pesquisa, que foi “Como os espaços destinados à convivência e a socialização dos idosos, denominados bailes, asseguram ou proporcionam a socialização dos idosos na comunidade?”, objetivou-se analisar se os bailes de terceira idade, enquanto espaços em que ocorrem atividades de lazer por meio da dança, proporcionam socialização dos idosos com a comunidade. Para tanto, foi analisada a percepção dos idosos e da comunidade em geral (jovens e adultos) sobre os bailes de terceira idade e sua função de proporcionar socialização na comunidade e a concepção de velhice para estes grupos.

As hipóteses de pesquisa, que tentavam responder a pergunta eram: a) Os bailes para idosos foram criados para proporcionar e promover a convivência dos idosos que precisam de espaços específicos para sua socialização dentro da comunidade; e b) Os bailes, espaços destinados à convivência e a socialização dos idosos, podem ser entendidos como espaços que segregam os idosos dentro de sua comunidade, refletindo na integração e na visão da sociedade sobre o envelhecimento de forma negativa.

É importante ressaltar que as considerações feitas pela pesquisadora não tiveram e não tem a ambição de serem generalizadas, uma vez que a análise foi feita a partir do universo pesquisado, e os resultados dizem respeito a ele.

Assim, para fomentar ações que viabilizem a inserção social do idoso na comunidade, propõem-se algumas medidas: abertura de mais bailes de terceira idade, com estrutura adequada e acessibilidade, que sejam próximos a outras comunidades; mapeamento dos bailes de terceira idade para a divulgação e sensibilização para a comunidade e os idosos.

Pode-se concluir que os bailes de terceira idade proporcionam e promovem a convivência dos idosos entre eles e com sua comunidade por meio da dança, e que o fato de serem espaços preparados para os idosos, mas com abertura à interação entre as diferentes gerações, funciona como instrumento que facilita a socialização do idoso com sua

comunidade, e repercute positivamente na compreensão do que vem a ser o processo do envelhecimento. Não sendo os bailes de terceira idade, portanto, espaços que acabam por segregar os idosos de sua comunidade por terem um público alvo específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Andrea Moraes. A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre o envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro. FGV - Fundação Getulio Vargas, 2004

ARAÚJO, Núbia Pereira; BRITTO FILHO, Dassis Cajubá da Costa; SANTOS, Fabiana de Luccas; COSTA, Rafael Vinhal; ZOCCOLI, Thayana Vinhal; NOVAES, Maria Rita Carvalho Garbi. Aspectos sociodemográficos, de saúde e nível de satisfação de idosos institucionalizados no Distrito Federal. Rev. Ciênc. Méd., Campinas, 17(3-6):123-132, maio/dez., 2008. Disponível em: <<http://www.puc-campinas.edu.br/centros/ccv/revcienciasmedicas/artigos/v17n3-6a1.pdf>>. Acesso em 19 de outubro de 2010.

BARROS, R. D. B.; CASTRO, A. M. Terceira Idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”. Estudos interdisciplinares e envelhecimento, Porto Alegre, v. 4, p. 113-124, 2002.

BEAUVOIR, Simone. A velhice: realidade incômoda. São Paulo: DIFEL, 1976. 339 pp.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, Censo 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso2003.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2012

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, Censo 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 13 de outubro de 2012

BROD, Alessandra. Políticas de lazer para os idosos na região do vale do Taquari: um estudo descritivo dos grupos de convivência e bailes da terceira idade. 2004. 165 f. Dissertação (Ciências do Movimento Humano) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.

CAMARANO et al. Como vai o idoso brasileiro?. Texto para discussão nº 691. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. 63 p.

CAMARANO, A. A. (Org). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso em 31 /10/ 2010.

CAMPOS, Terezinha. Envelhecimento e Lazer: reflexões sob a perspectiva das relações de gênero na velhice. In: Envelhecimento, representações sociais, saúde e cidadania: perspectivas de gênero. Rio Grande do Sul: UFSC, 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/T/Terezinha_Campos_45.pdf Acesso em: 16/02/2013

CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. *Rev Saúde Pública*, v. 31, n. 2, p. 184-200, 1997.

CRESWELL, John. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3ª Ed. Porto Alegre. Artmed. 2010

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem sucedida. In: *Idosos no Brasil*. SÃO PAULO: FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, EDIÇÕES SESC SP, 2007. 288p

FALEIROS, Vicente P. Cidadania: os idosos e a garantia de seus direitos. (Org.) NERI, Anita L. *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Edição SESC, 2007.

FLECK MPA, Louzada S, Xavier M, Chachamovich E, Vieira G, Santos L, *et al*. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida "WHOQOL-bref" . *Rev Saude Publica*. 2000;34:178-83.

GOMES, Pedrina Viana. Grupo dos mais vividos do SESC/DF, unidade 913 sul: uma medida de melhoria da qualidade de vida. 2009. 61 f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009

IAMAMOTO, M. V & CARVALHO. R. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*. 24ª Ed., São Paulo: Cortez, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: ATLAS, 1980.

LOUREIRO, A. M. *A velhice, o tempo e a morte: subsídios para a continuidade dos estudos*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MARTINS, Danuta Dantas de Oliveira. Trabalho com grupo de idosos na perspectiva da cidadania e na melhoria da qualidade de vida: um estudo a partir do grupo dos Mais Vividos do SESC/DF. 2008. 75 f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORAGAS, R. M. *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

NERI, Anita L. *Atitudes e Preconceitos em Relação a Velhice*. In: *Idosos no Brasil*. SÃO PAULO: FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, EDIÇÕES SESC SP, 2007. 288p

OLIVEIRA, Wênia Cristian de. *O envelhecimento nas publicações do serviço social: uma análise a partir dos artigos publicados na revista Serviço Social & Sociedade*. 2008. 48 f. Monografia (Bacharelado em Serviço Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008

PNAD - Pesquisa de Amostra por Domicílio. Estatística 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/graficos_pdf>. Acesso em: 20/01/2013

PEREIRA, Potyara A . As vicissitudes da pesquisa e da teoria no campo da política social, in: Ser Social, Brasília, n. 09, V. 01, p.77-94, 2001.

QUEIROZ, Meirelane & OLIVEIRA, Marilane. O olhar da pessoa idosa a cerca da participação em grupos de convivência: contribuindo para a melhoria da qualidade de vida? In.: Revista Portal de divulgação, nº 19. São Paulo. 2012

RICHARDSON, Roberto Jarry (et al). Pesquisa social: métodos e técnicas. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RODRIGUES, L.S; SOARES, G.A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. Revista Ágora, n.4, p.1-29, 2006. Disponível em: <<http://www.ufes.br/ppghis/agora>>. Acesso em: 20 jan. 2013

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda. Velhice e políticas públicas. In: Idosos no Brasil. SÃO PAULO: FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, EDIÇÕES SESC SP, 2007. 288p.

SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. Ciência & Saúde Coletiva, n. 7, v. 4, p. 899-906, 2002.

VERAS, Renato. A Longevidade da População: Desafios e conquistas. In: Revista Serviço Social & Sociedade - Velhice e Envelhecimento nº 75. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

ZIMERMAN, G. I. Velhice: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

NUNES, A.T.G.L. Serviço social e universidade de terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. UERJ, Rio de Janeiro, n. 5, 2000

INTERNET

Administração Regional de Taguatinga. Disponível em:<<http://www.taguatinga.df.gov.br/sobre-a-ra-taguatinga/conheca-taguatinga-ra-iii.html>> Acesso em: 10/01/2013

Administração Regional de Ceilândia. Disponível em: <<http://www.ceilandia.df.gov.br/sobre-a-ra-ix/conheca-ceilandia-ra-ix.html>> Acesso em: 10/01/2013

Associação dos Idosos de Taguatinga – DF. Disponível em: www.Associacaodosidososdetaguatinga.blogspot.com.br. Acesso em: 09/02/2013
Breve histórico da Instituição. Disponível em: [www,paradaodosidosos.blogspot.com.br](http://www.paradaodosidosos.blogspot.com.br). Acesso em: 08/02/2013

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____, R.G. _____, CPF _____ concordo em participar como entrevistada da pesquisa realizada pela estudante Rafaela de França Ramalho, CPF: 036.090.191-31, Matrícula 09/0012739, para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Declaro que estou ciente do objetivo da pesquisa que se propõe a estudar as atividades desenvolvidas nos espaços de socialização e convivência destinados à terceira idade, afim de perceber se estes proporcionam a socialização dos idosos entre eles mesmos, e com a comunidade, tendo como prazo de conclusão e publicação para este projeto até janeiro de 2013, e que possui um caráter estritamente acadêmico.

É de livre e espontânea vontade a minha participação na entrevista. Além disso, me faço ciente da provável gravação, transcrição e análise das minhas participações, respeitando o caráter de anonimato, fazendo assim o uso de pseudônimo se necessário, para a garantia do sigilo.

Declaro ainda que estou a par da liberdade de recusar a responder às perguntas que eu julgar ofensivas e/ou me causarem constrangimento. Além disso, estou ciente que em caso de qualquer dúvida posso entrar em contato com a estudante Rafaela de França Ramalho pelo telefone: (61)92121153 ou pelo correio eletrônico rafa.ramalho@hotmail.com

O termo foi assinado por mim e pela Rafaela de França Ramalho
Participante _____
Rafaela de França Ramalho _____

Brasília, de janeiro de 2013

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA – IDOSOS

| | |
|---|------------------------|
| ROTEIRO DE ENTREVISTA | Número _____ |
| Informante: Idosos dos espaços de socialização e convivência para idosos | |
| Nome do(a) entrevistado(a): _____ | |
| Nome do Espaço de socialização e convivência: _____ | |
| Data da entrevista: _____ | |
| Duração: Início: ____ h | Término: ____ h |

I - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

- 1) Sexo
- 2) Idade
- 3) Cor/ Raça
- 4) Escolaridade
- 5) Renda familiar mensal
- 6) Local de moradia
- 7) Tempo de frequência
- 8) Quais os bailes que costume frequentar

II – IDOSO

- 1) O que você entende como velhice?
- 2) Você se considera idoso? Por que?

III – LAZER E CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA

- 3) Você conhece algum projeto desenvolvido pelo governo ou pela iniciativa privada que tenha por objetivo promover o lazer e a convivência comunitária para os idosos? Se sim, qual?
- 4) Para você, o que é lazer?
- 5) Para você, qual é a importância do lazer para o idoso?

- 6) Para você, qual é a importância da convivência comunitária para o idoso?
- 7) Você participa de alguma atividade cultural, educativa ou de lazer na sua comunidade?

IV – ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA E SOCIALIZAÇÃO PARA IDOSOS

- 8) O que você entende por espaços de convivência e socialização para idosos?
- 9) O que levou você a procurar estes espaços de convivência e socialização para idosos?
- 10) Como começou a frequentar os bailes destinados à terceira idade?
- 11) Como é sua relação com os outros idosos que frequentam os bailes destinados à terceira idade?
- 12) Como é a relação entre as diferentes gerações nestes espaços?
- 13) Você percebeu alguma mudança na sua relação com a comunidade ou com sua família depois que começou a frequentar os bailes destinados à terceira idade?
- 14) Que aprendizado os idosos e a comunidade alcançam com a experiência dos bailes destinados à terceira idade?
- 15) Frequentar os bailes destinados à terceira idade tem contribuído de alguma forma nas relações humanas na sua vida? Na sua família e na comunidade, por exemplo.
- 16) Você tem sugestões de outras ações que podem ser desenvolvidas ou reforçadas dentro da comunidade para proporcionar a socialização entre os idosos e a comunidade?

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA – COMUNIDADE

| | |
|---|-----------------------|
| ROTEIRO DE ENTREVISTA | Número_____ |
| Informante: Comunidade dos espaços de socialização e convivência para idosos | |
| Nome do(a) entrevistado(a): _____ | |
| Nome do Espaço de socialização e convivência: _____ | |
| Data da entrevista: _____ | |
| Duração: Início: ____h | Término: ____h |

I - PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

- 1) Sexo
- 2) Idade
- 3) Cor/ Raça
- 4) Escolaridade
- 5) Renda familiar mensal
- 6) Local de moradia
- 7) Tempo que frequência
- 8) Bailes que costuma frequentar

II – IDOSO

- 1) O que você entende como velhice?

III – LAZER E CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA

- 2) Para você, o que é lazer?
- 3) Para você, o lazer é importante para o idoso?
- 4) Para você, a convivência comunitária é importante para o idoso?

5) Você conhece algum projeto desenvolvido pelo governo ou pela iniciativa privada que tenha por objetivo promover o lazer e a convivência comunitária para os idosos? Se sim, qual?

IV – ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA E SOCIALIZAÇÃO PARA IDOSOS

6) O que você entende por espaços de convivência e socialização para idosos?

7) O que levou você a procurar estes espaços de convivência e socialização para idosos?

8) Como começou a frequentar os bailes destinados à terceira idade?

9) Como você percebe a relação entre os idosos e as demais pessoas da comunidade que frequentam os espaços de socialização e convivência para idosos?

10) Você acredita que haja diferença na relação entre os idosos e a comunidade que frequentam os bailes destinados à terceira idade, e aqueles que não frequentam? Quais?

11) Como é a relação entre as diferentes gerações nestes espaços?

12) Você percebeu alguma mudança na sua relação com a comunidade ou com sua família depois que começou a frequentar os bailes destinados à terceira idade?

13) Os idosos e a comunidade alcançam alguma experiência nos bailes destinados à terceira idade?

14) Frequentar os bailes destinados à terceira idade tem contribuído nas relações humanas entre os idosos e a comunidade?

15) Você tem sugestões de outras ações que podem ser desenvolvidas ou reforçadas dentro da comunidade para proporcionar a socialização entre os idosos e a comunidade?